



Instituto Universitário de Lisboa

Departamento de Ciências e Tecnologias da Informação

**LITERACIA DIGITAL E APRENDIZAGEM INFORMAL EM
MODELO DE WEB PARTICIPATIVA**

ANDRÉ ALVES PIRES CORREIA

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

MESTRE EM ESTUDOS DE INFORMAÇÃO E BIBLIOTECAS DIGITAIS
Especialidade em Estudos de Informação

Orientadora:

Professora Doutora Maria Joaquina Barrulas, Investigadora Principal - LNEG

Co-orientador:

Professor Doutor Pedro Faria Lopes, Professor Associado, ISCTE-IUL

Dezembro, 2009

Dedicatória
Dedico este trabalho aos meus pais e ao meu irmão Miguel

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Doutora Maria Joaquina Barrulas todo o apoio científico, prestado ao longo deste processo complexo e ao mesmo tempo tão estimulante. Muito obrigado pelas palavras de encorajamento e de estímulo que me dirigiu em todos os momentos, procurando incentivar-me no sentido de ultrapassar as dificuldades e fazer melhor. Agradeço ao Professor Doutor Pedro Faria Lopes a supervisão realizada, bem como a compreensão demonstrada em todas as fases do processo.

Agradeço aos meus colegas de trabalho do CITI que ajudaram a construir o Clube de Leituras: Ana Gini, João Tiago Martins, Hélder Pestana, Cátia Preguiça, Andreia Teles Vieira, José Reis, David Almeida e Júlio Ramos. Obrigado pela vossa cooperação no dia-a-dia!

Agradeço o apoio incondicional da minha família na prossecução deste objectivo e pelo carinho e amor sempre demonstrados.

RESUMO

O presente trabalho visa determinar a eficácia da Web participativa na promoção dos grupos interessados na literatura nas perspectivas da leitura e da escrita. Para tal procedeu-se a um estudo de avaliação do sítio Clube de Leituras, projecto desenvolvido para o Plano Nacional de Leitura. O Clube de Leituras é um espaço relacionado com as práticas culturais onde os membros formam uma comunidade de prática onde agregam e partilham informação em hipermédia através da escrita em blogues. É, igualmente, possível aos membros lerem e partilharem notícias, citações, livros electrónicos e vídeos. O estudo de caso foi desenvolvido segundo uma metodologia holística com recurso a uma triangulação de técnicas. A investigação procura determinar em que medida este género de redes sociais promove, efectivamente, mecanismos de literacia digital e de aprendizagem informal.

PALVRAS-CHAVE: Web Participativa, Literacia Digital, Aprendizagem Informal, Blogue, Folksonomy, RSS.

ABSTRACT

This study aims to determine the effectiveness of the participative web in the promotion of groups interested in literature, from the perspectives of reading and writing. To achieve this, we evaluated the website Clube de Leituras (reading club), a project developed for the Plano Nacional de Leitura (national reading plan). The Clube de Leituras is a website related to cultural practices where members form a community of practice to aggregate and share hypermedia information through writing on blogs. It is also possible for members to read and share news, quotes, e-books and videos. The case study was developed using a holistic approach and implements a triangulation of techniques. This investigation seeks to determine to what extent this kind of social networks is in fact promoting mechanisms for digital literacy and informal learning.

KEYWORDS: Participative Web, Digital Literacy, Informal Learning, Blog, Folksonomy, RSS.

Índice

Capítulo I - Introdução	9
Capítulo II - Revisão de Literatura	12
1.1 Web Participativa.....	13
1.2 Literacia Digital	26
1.3 Aprendizagem Informal	35
Capítulo III - Enquadramento Metodológico	42
2.1 Desenho do Estudo de Caso.....	42
Capítulo IV - Estudo de Caso: O Clube de Leituras.....	47
3.1 Sobre o Clube de Leituras.....	47
3.2 Processo de Inscrição na Rede Social e Área Pessoal.....	48
3.3 Escrita em hipermédia nos Blogues e nos Salões	49
3.4 Catalogação de Ficheiros no Armazém Multimédia	51
3.5 Agregador de Conteúdos em tecnologia RSS	52
3.6 Folksonomy: Taxonomias populares em citações, blogues e vídeos	53
3.7 Emergência de uma Biblioteca Digital de Domínio Público	54
3.8 Videoclube: O Repositório de Vídeos do Clube de Leituras	55
3.9 Secção de Citações.....	57
3.10 Saberes em rede	58
3.11 Secção de Notícias	59
Capítulo V - Trabalho de Campo: Análises dos resultados.....	60
4.1 Caracterização Sócio-demográfica dos membros do Clube de Leituras	60
4.2 Origem Geográfica dos Visitantes do Clube de Leituras	63
4.3 Hábitos de utilização da Internet dos Membros do Clube de Leituras.....	67
4.4 Avaliação do Clube de Leituras por áreas temáticas.....	70
Capítulo VI - Conclusões	80
Referências	84

Índice de Quadros

Quadro 1 - Do e-Learning 200 ao Innovative e-Learning 2010 + inovações de Web 2.0 (Jokisalo & Antoni, 2009)	39
Quadro 2 - Membros do Clube de Leituras por Classe Etária.....	61
Quadro 3 - Membros Inquiridos do Clube de Leituras por Classe Etária	62
Quadro 4 - Membros do Clube de Leituras Inquiridos por Ocupação	63
Quadro 5 - Origem dos Visitantes por País/Território	64
Quadro 6 - Origem dos Visitantes por Localidade a Nível Mundial.....	65
Quadro 7 - Origem dos Visitantes por Localidade em Portugal.....	66
Quadro 8 – Blogues mais acedidos no Clube de Leituras	71
Quadro 9 – Livros Electrónicos mais Descarregados no Clube de Leituras	77

Índice de Figuras

Figura 1 - Transições da Web 1.0 para a Web 2.0 (O'Reilly, 2005).....	14
Figura 2 –Dispositivos de user-created content.....	22
Figura 3 - Exemplo de vocabulário FOAF (Dumbill, 2002)	25
Figura 4 – Área Pessoal dos Membros do Clube de Leituras.....	48
Figura 5 – Local onde o Membro publica a Entrada no Salão Literário	50
Figura 6 - RSS's do Clube de Leituras	53
Figura 7 – Vídeo do Clube de Leitura e Funcionalidades associadas	56
Figura 8 – Vídeo do Clube de Leituras e Descritores associados	57
Figura 9 – Origem dos Visitantes por País/Território	58
Figura 10 – Origem dos Visitantes por País/Território	64
Figura 11 – Origem dos Visitantes por Localidade a Nível Mundial.....	65
Figura 12 – Origem dos Visitantes por Localidade em Portugal	66

Índice de Gráficos

Gráfico 1- Membros do Clube de Leituras por Sexo.....	60
Gráfico 2 – Membros inquiridos do Clube de Leituras por Sexo.....	61
Gráfico 3 – Tempo de Posse de Internet pelos Membros Inquiridos do Clube de Leituras	67
Gráfico 4 – Membros inquiridos do Clube de Leituras segundo a frequência de utilização da Internet	67
Gráfico 5 – Tempo de Utilização do Clube de Leituras por parte dos Membros Inquiridos.....	68
Gráfico 6 – Membros Inquiridos do Clube de Leituras segundo o Tempo de Utilização do Clube de Leituras	69
Gráfico 7 – Local onde os membros inquiridos utilizam o sítio Clube de Leituras .	69
Gráfico 8 – Funcionalidades Usadas pelos Membros Inquiridos do Clube de Leituras	70
Gráfico 9 – Temática dos Blogues dos Membros Inquiridos do Clube de Leituras.	72
Gráfico 10 – Linguagem Multimédia usada pelos Membros Inquiridos do Clube de Leituras nos Blogues	72
Gráfico 11 – Escrita de Comentários por parte dos Membros Inquiridos do Clube de Leituras	73
Gráfico 12 – Leitura de comentários por parte dos Membros Inquiridos do Clube de Leituras	74
Gráfico 13 – Uso de Palavras-chave nos Blogues por parte dos Membros Inquiridos do Clube de Leituras.....	74
Gráfico 14 – Avaliação do uso de Livros Electrónicos por parte dos Membros Inquiridos do Clube de Leituras	76
Gráfico 15 – Avaliação da visualização de vídeos por parte dos Membros Inquiridos do Clube de Leituras.....	78
Gráfico 16 – Avaliação da leitura de notícias por parte dos Membros Inquiridos do Clube de Leituras.....	78
Gráfico 17 – Públicos-alvo do Clube de Leituras segundo os Membros Inquiridos do Clube de Leituras.....	79

Capítulo I - Introdução

As questões relacionadas com a leitura e escrita em suporte digital configuram-se, hoje, como centrais dos processos de comunicação digital e da aprendizagem. A comunidade científica investiga e desenvolve aplicações, no sentido de confirmar algumas hipóteses neste campo, nomeadamente, na relação que se estabelece entre a leitura e a escrita em suporte digital e as redes sociais e blogues que suportam e animam a discussão e os interesses das diversas comunidades virtuais. Esta questão tem vindo a ser desenvolvida no centro de investigação onde o aluno trabalha, o Centro de Investigação para Tecnologias Interactivas da Universidade Nova de Lisboa, e coincidiu com a encomenda de um projecto feito pelo Plano Nacional de Leitura.

Daqui se formulou um conjunto de questões que daria origem à reflexão sobre o modelo conceptual do sítio Clube de Leituras: poderá um utilizador ser apenas leitor ou ser simultaneamente leitor e participar nos conteúdos do sítio? Face à consolidação de um modelo de *Web* participativa que marca a passagem de uma Internet 1.0 *read only* de sítios estáticos com poucas aplicações interactivas para uma Internet 2.0 *read write web* onde o utilizador pode aceder, criar e actualizar informação com facilidade (D'Souza, 2005), começava a tornar-se evidente que os utilizadores não podiam ser apenas leitores mas também intervenientes num sítio participativo.

À questão do papel do utilizador, enquanto interactor, acrescenta-se-lhe uma segunda pergunta no plano da gramática da escrita. Será o hipertexto suficientemente rico para se desenvolver a plataforma, numa altura em que ferramentas de edição de *HTML* de texto, som, imagem como os blogues permitem uma linguagem hipermédia? Debatíamos, nesse momento, em que medida os blogues, enquanto instrumento da *Web* participativa, permitem melhorar as competências de leitura e expressão ao nível de uma literacia digital do séc. XXI.

É do conjunto de questões acima assinalado que nasce o projecto do sítio Clube de Leituras que visa a promoção de competências de literacia digital a nível do multimédia online. Foi, igualmente, da conjugação de objectivos e de interesses comuns que se concretizou a iniciativa, a qual cabe integralmente nos objectivos do CITI e Plano Nacional de Leitura.

O Plano Nacional de Leitura é uma iniciativa do XVII Governo Constitucional, aprovada na resolução do Conselho de Ministros n.º 86/2006. Tem por objectivo

principal “constituir uma resposta institucional à preocupação pelos níveis de literacia da população em geral e em particular dos jovens, significativamente inferiores à média europeia.” (XVII Governo Constitucional, 2006).

Do ponto de vista da sua execução prática, aparece mencionada a seguinte orientação

“Concretiza-se num conjunto de estratégias destinadas a promover o desenvolvimento de competências nos domínios da leitura e da escrita, bem como o alargamento e aprofundamento dos hábitos de leitura, designadamente entre a população escolar.” (XVII Governo Constitucional, 2006).

Se lermos com atenção as acções previstas, percebemos que a solicitação do Plano Nacional de Leitura procura dar resposta às alíneas e objectivos presentes na seguinte resolução:

“O apoio a blogs e chat-rooms sobre livros e leitura para crianças, jovens e adultos.”

“Mobilização da comunidade literária, da comunidade científica e dos órgãos de comunicação social para a questão da leitura e para os objectivos do Plano;”

“Proporcionar livros e outros recursos de informação às escolas;”

“Recorrer às novas tecnologias de comunicação para promover o acesso ao livro estimular a diversificação das actividades de leitura e a informação sobre livros e autores;” (XVII Governo Constitucional, 2006)

Pese embora o facto de estar inserido dentro de uma directriz governamental, o Plano Nacional de Leitura, seria evidente que o Clube de Leituras se viria a estabelecer como um espaço que ocorre fora dos circuitos institucionais do ensino, um sítio informal de leitura, escrita e discussão, relacionado com literatura e práticas culturais.

Posto isto em evidência, percebemos que o objectivo central do presente estudo de caso consiste em determinar a validade da seguinte hipótese:

O Clube de Leituras é um sítio de Web participativa que promove a literacia digital e aprendizagem informal.

A presente dissertação é uma investigação de avaliação que ocorre após as fases de I&D do sítio Clube de Leituras estarem concluídas e em utilização plena por parte do público-alvo. Daqui decorre que o trabalho não só apresenta a revisão literária necessária à plena compreensão do estado da arte nesta área científica, como ainda procede ao desenvolvimento de todas as etapas necessárias à apresentação de um trabalho de índole científica.

De ponto de vista da sua estrutura, o trabalho encontra-se subdividido em quatro capítulos.

O primeiro capítulo visa proceder a uma revisão de literatura sobre os conceitos essenciais da temática do estudo de caso. Assim, consideramos ter sido necessário redigir sobre o modelo de Web participativa para depois o relacionar com as características do sítio Clube de Leituras. O conceito de literacia digital serve para nos referirmos aos mecanismos de aquisição, processamento e construção de informação que ocorrem na leitura e escrita digitais. A revisão sobre o conceito de aprendizagem informal visa enquadrar o estudo de caso num processo de aprendizagem quotidiano, não consciente e não estruturado mas que melhora as competências e aptidões do indivíduo.

O segundo capítulo aborda as questões de enquadramento metodológico. Optou-se por uma abordagem holística visando uma avaliação crítica do sítio Clube de Leituras através da aplicação de um inquérito online auto-administrado, bem como a monitorização do sítio por via do sistema Google Analytics e da base de dados do sítio Clube de Leituras. A análise documental serviu para sustentar a revisão de literatura, assim como a redacção sobre o estudo de caso e análise de terreno.

O terceiro capítulo debruça-se sobre estudo de caso e inicia-se com uma definição do Clube de Leituras. É, depois feita uma descrição das várias secções que compõem o Clube de Leituras que recorre, sempre que necessário, a referências teóricas sobre as inovações da plataforma.

O quarto capítulo apresenta o trabalho de campo e análise dos resultados sobre o estudo de caso. Procedeu-se a uma caracterização sócio-demográfica dos membros inquiridos do Clube de Leituras, assim como a uma avaliação da forma como os membros utilizam o sítio.

Finalmente, nas conclusões é confirmada a validade da hipótese de partida do presente trabalho, o Clube de Leituras é um sítio de Web participativa que promove a literacia digital e a aprendizagem informal.

Capítulo II - Revisão de Literatura

A presente revisão de literatura visa debater três conceitos que fazem parte da temática da investigação e da sua hipótese de estudo.

O conceito de Web participativa serve para nos referirmos aos sítios onde o utilizador é parte integrante de uma plataforma social onde participa nos conteúdos através de um conjunto de funcionalidades tais como blogues, *wikis*, *tags*, comentários e votações.

Será, igualmente debatido o conceito literacia digital, entendido como a capacidade de se processar e lidar com informação através do manuseamento de dispositivos de hardware e da comunicação digital em rede.

Por último, proceder-se-á a uma revisão do conceito de aprendizagem informal, considerado o processo de aquisição de conhecimento do sítio Clube de Leituras.

Para elaborar a revisão de literatura recorreremos a uma análise bibliográfica que se baseou, numa primeira etapa, num conjunto de fontes formais tais como artigos seleccionados pelo seu contributo para o estudo da temática do nosso trabalho. Foram ainda analisadas outras teses e dissertações, artigos publicados em revistas ou periódicos e livros, subjacentes à temática da revisão de literatura que consideramos obras de referência necessárias ao correcto enquadramento do nosso objecto de estudo no campo teórico das Ciências da Informação, Sociologia e Ciências da Educação.

Segundo Raymond Quivy (Quivy & Campenhoudt, 1998), a análise bibliográfica e documental em trabalhos de pesquisa pode ser realizada com o objectivo de:

- a) Determinar o “estado da arte”, procurando mostrar através da literatura existente o que já se sabe sobre o tema, as lacunas existentes e os principais entraves teóricos e metodológicos;
- b) Fazer uma revisão teórica, visando inserir o problema da pesquisa dentro de um quadro de referência teórica para melhor o explicar;
- c) Fazer uma revisão empírica, a partir da qual se procura explicar a pesquisa do ponto de vista metodológico, procurando respostas para questões como:
 - a. Quais os procedimentos normalmente empregues em pesquisas similares?
 - b. Que factores afectam o resultado?

- c. Que propostas têm sido feitas para analisar, explicar ou controlar esses resultados?
 - d. Como foram analisados os resultados?
- d) Fazer uma resenha histórica, quando se procura a evolução de conceitos, temas e outros aspectos que tenham correlação com o problema da pesquisa, fazendo a inserção dessa evolução dentro de um quadro teórico de referência que explique os factores determinantes e as implicações da mudança.

No presente trabalho, foi analisada a bibliografia de cada um dos artigos chave, de forma a identificar entre as obras referenciadas aquelas que poderiam oferecer contributos adicionais para a pesquisa efectuada. Uma das fontes mais utilizadas para a localização quer dos artigos, quer da restante bibliografia de apoio, foi a Internet. Recorreu-se, no entanto, também à pesquisa em bibliotecas públicas.

1.1 Web Participativa

O debate sobre a *Web 2.0* inicia-se em 2005 com as organizações *O'Reilly* e *Media Live International*. Pretendeu debruçar-se sobre as transformações ocorridas ao nível de *software* e *hardware* desenvolvidas por empresas e organizações que, depois do final da era das *dotcom* considerado o modelo 1.0, fizeram com que a Internet aperfeiçoasse a ideia original de Web Semântica de espaço social de troca informação e comunicação postulada por Tim Berners Lee.

De ponto de vista comunicacional, A web 2.0 significa, em parte, a concretização do modelo *self-media* de comunicação bidireccional onde utilizadores são vistos como *prosumers*, produtores e consumidores de informação, e opõe-se à comunicação *mass media* da televisão e da rádio onde os utilizadores são sobretudo receptores passivos de informação.

Segundo Tim O'Reilly (O'Reilly, 2005), podemos identificar este modelo num conjunto de princípios e práticas de aplicações *online* que encaram a rede como uma plataforma social de serviços onde os utilizadores integram uma arquitectura de participação que permite uma interacção e actualização da informação permanente (O'Reilly, 2005). Não é uma ideia nova, mas que só foi possível concretizar através da

inovação e tecnologia de servidores e de base de dados em *Linux, Apache e Unix*, aliados a linguagens dinâmicas como *XML, AJAX e PHP* (O'Reilly, 2005).

O modelo de Web 2.0, igualmente designado como web participativa ou web social, identifica os sítios onde os conteúdos são gerados pelos utilizadores – *user-created content*. Tal facto não implica, contudo, que todos os conteúdos de um sítio sejam gerados pelos utilizadores. O sítio de vendas *Amazon*, por exemplo, apresenta um catálogo gerido pela sua administração, contudo a avaliação dos seus produtos é feita pelos utilizadores através de comentários e votações.

A figura 1, presente no artigo de Tim O'Reilly “What Is Web 2.0 - Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software”, dá conta do *brainstorming* que identifica as mudanças ocorridas das aplicações consideradas 1.0 para as aplicações 2.0.

Web 1.0		Web 2.0
DoubleClick	-->	Google AdSense
Ofoto	-->	Flickr
Akamai	-->	BitTorrent
mp3.com	-->	Napster
Britannica Online	-->	Wikipedia
personal websites	-->	blogging
evite	-->	upcoming.org and EVDB
domain name speculation	-->	search engine optimization
page views	-->	cost per click
screen scraping	-->	web services
publishing	-->	participation
content management systems	-->	wikis
directories (taxonomy)	-->	tagging ("folksonomy")
stickiness	-->	syndication

Figura 1 - Transições da Web 1.0 para a Web 2.0 (O'Reilly, 2005)

A concepção de O'Reilly permite identificar alguns elementos que estão presentes no sítio do Clube de Leituras (ver figura 1): A transição de sítios pessoais para a participação em blogues em detrimento da publicação, a sindicância dos conteúdos por via de *RSS's*, a *Folksonomy* ou classificação informal, os serviços de *File Hosting* bem como os anúncios *cost per click* da *Google AdSense* que são elementos da Internet 2.0 que aparecem no Clube de Leituras.

Segundo O'Reilly, a Web 2.0 proporcionou um modelo de inteligência colectiva que se traduziu no pioneirismo e força de algumas aplicações online. Embora a proposta do termo inteligência colectiva tenha sido feita por Pierre Lévy na década de 90 com a obra

“*L'intelligence collective. Pour une anthropologie du cyberspace*” foi nos últimos anos que assistimos a mudanças tecnológicas de fundo de algumas aplicações.

No campo da pesquisa de informação, a adopção do motor de pesquisa do *Google* é hoje um comportamento padrão, ao ponto de nos dicionários de inglês se considerar o verbo *to Google* como prática quotidiana. O motor de Larry Page e Sergey Brin veio, neste sentido, aperfeiçoar a pesquisa de fontes e substituiu em parte a pesquisa por directorias do *Yahoo* de Jerry Yang e David Filo.

Em relação à imagem, redes sociais como o *Flickr* ou o *Photobucket* originaram uma comunidade de partilha de fotografias catalogadas por *tags* ou etiquetas. Em 2003, o *del.icio.us* adoptou, também, este tipo de classificação informal designada por *folksonomy* mas aplicada a uma rede social onde os membros catalogam *URL's* que agregam na plataforma.

No domínio do vídeo, sítios de *videosharing* como o *Youtube*, *Vimeo* ou em Portugal o Sapo Vídeos souberam aproveitar a massificação da banda larga e adopção de novos *codecs de vídeo*, dando origem a repositórios de vídeos enviados por Internautas.

Dentro da vaga de *software* social, as *wikis* podem ser vistas como uma forma de escrita colaborativa que permite a criação e edição de páginas e hiperligações. Embora as *wikis* já existissem desde a década de 90, assistimos à emergência da *Wikipedia*, a *wiki* com maior relevância na Internet que demonstrou as potencialidades de uma enciclopédia editada por anónimos à escala planetária. Sobre este tema, o conhecido autor Don Tapscott na obra *Wikinomics: How Mass Collaboration Changes Everything* não hesita em falar da emergência de um modelo económico da sociedade em rede assente no poder colectivo das *wikis* (Wikipedia - The Free Encyclopedia, 2008). Decorrente da existência deste modelo, Tapscott identifica, igualmente, a prática de *crowdsourcing*. O *crowdsourcing* mede-se pelo capital social que as novas comunicações geram através das redes sociais de blogs, *wikis* e programas *open source*. Como modelo de negócio, a prática de *crowdsourcing* configura-se, segundo o autor, como uma alternativa ao *outsourcing*.

Podemos, em síntese, afirmar que o facto de os utilizadores poderem actualizar e partilhar informação com facilidade fez com que as hiperligações da rede aumentassem de uma forma célere. O utilizador tornou-se sem dúvida o actor principal dos nós da

rede das redes, ao ponto da revista *Time Magazine* eleger *You*, ou seja todos nós, como a pessoa do ano de 2006.

Para D'Souza (D'Souza, 2005), isto aconteceu porque as aplicações *Web 2.0* dispensam conhecimentos técnicos muito aprofundados para a criação e troca de informação. Os editores de *HTML* que existem nos blogs, por exemplo, fizeram com que o utilizador comum pudesse publicar textos, sons, imagens e vídeos sem ter que editar o código da linguagem. Segundo o autor, o ecossistema da internet ganhou uma nova espécie para além da tribo dos *geeks* da *web 1.0*: Os *sleeks*, internautas que participam e se relacionam na cultura virtual sem o tecnocentrismo dos *hackers* (D'Souza, 2005).

Posto isto em evidência, verificamos que as inovações *Web 2.0* difundiram nichos de mercado que têm sido aproveitados por empresas e corporações a uma escala global. Porque não, então, considerar este modelo de Internet uma nova bolha da nova economia digital, uma *buzzword*? Vários autores tendem a não considerar a existência da *Web 2.0* ou atribuem-lhe uma outra designação.

Segundo Castells, o empreendedorismo da economia digital sempre foi uma força motriz de inovações empresariais que possibilitam o desenvolvimento da cultura Internet (Castells, 2001). Existe, segundo o autor, uma luta de forças entre o que as elites tecnológicas propõem, o que os *hackers* defendem e as comunidades virtuais adoptam. O empreendedor tecnológico é, para Castells, uma criatura bicéfala que necessita, por um lado, das elites tecnológicas que servem de base de conhecimento para os seus negócios e do capital de risco para que estes se tornem uma realidade bem sucedida (Castells, 2001).

No caso do fenómeno *Web 2.0* existe, sem dúvida, um aproveitamento por parte dos empreendedores que vendem o modelo sob as suas mais variadas formas e souberam usar tecnologia existente. Podemos, igualmente, observar as suas repercussões e uma popularização em vários domínios sociais, económicos e institucionais. A terminologia 2.0 e as suas derivações têm vindo a dar origem a classificações como jornalismo 2.0, biblioteca 2.0, educação 2.0 ou saúde 2.0. No caso das bibliotecas digitais, a assimilação dos mecanismos tecnológicos da *Web 2.0* pode permitir um novo dinamismo e interacção social no que considera ser a biblioteca 2.0. Se o modelo de biblioteca digital apresentava os catálogos e colecções da biblioteca analógica como se de uma montra

estática se tratasse, já o modelo de biblioteca 2.0 coloca o utilizador no centro da biblioteca e encoraja a sua participação.

Contudo, no debate sobre a negação da Web 2.0, vários autores se têm manifestado contra a ideia de Web 2.0 e procuram atribuir-lhe outro sentido. O próprio Tim O'Reilly, quando questionado uma vez mais sobre o que é a Web 2.0, afirma com ironia que não gosta de dar definições.

Como explica Trebor Sholz que procura desconstruir o modelo Web 2.0 no artigo “Market ideology and the Myths of Web 2.0” qualquer termo de negócio contém em si uma onda de entusiasmo e de novidade à sua volta que nem sempre traduz a realidade e a prática da inovação em si (Scholz, 2008).

Segundo o autor muitas das inovações tecnológicas já tinham sido criadas antes da Internet em modelo 2.0. No caso das *Wikis* e dos sítios retro-alimentados por utilizadores, Trebor Sholz (Scholz, 2008) conta que estas foram desenvolvidas em 1994 pelo programador Ward Cunningham e implementadas em 1995. A Amazon, de resto, como refere o autor, já permitia em 1995 a submissão de críticas e votação de livros e de guias feitos pelos utilizadores. Relativamente às redes sociais, o autor cita os casos dos sítios de encontro de alunos fundados em 1995 *Classemates.com* e *Sixdegree.scom* que ganharam popularidade na rede em vários países. Do mesmo modo, a tecnologia *RSS* já tinha sido implementada em 1999 e adoptada pelo navegador Netscape. O mesmo se pode aplicar à norma *CSS* que foi adoptada em 1997 pela W3C e que visa criar o *design* e folhas de estilo para sítios. Já no caso do *Podcasting* e da *Folksonomy*, o autor considera estas inovações contemporâneas da Web 2.0 (Scholz, 2008).

O que alimenta a vaga de entusiasmo, segundo o autor, é a euforia fabricada pelas empresas Web 2.0 que procuram passar a ideia de que a identidade se transferiu para o espaço online a um grau sem precedentes. Os estudos de casos que refere demonstram que existe uma obsessão por parte do mercado em criar nomes de domínios e marcas que repetem muitas das vezes clones com os mesmos conteúdos. Criaram, segundo Trebor Sholz, um meio social virtual que obrigam ao utilizador da Internet a fidelizar-se, gerando um sentimento de pertença.

Para Graham Cormode e Balachander Krishnmurth (Graham & Balachander, 2008) a marca dos sítios Web 2.0 reside numa tentativa de criar portais onde, uma vez registados, os utilizadores não possam sair devido às actividades que aí encontram. A *portalization*, como referem os autores no artigo *Key differences between Web 1.0 and*

Web 2.0, já existia na Web 1.0 com conteúdos como notícias ou meteorologia, não permitia contudo muita interacção (Graham & Balachander, 2008). A interacção ganha uma componente mais participativa em sítios como o MySpace, Flickr ou Facebook onde os utilizadores podem simultaneamente registar-se, publicar e subscrever conteúdos. As diferenças entre os modelos residem no facto de que na Web 1.0 os utilizadores eram sobretudo consumidores. Segundo Graham Cormode e Balachander Krishnmurth, com a Web 2.0 criaram-se nichos de comunidades virtuais em redes sociais que trocam todo o tipo de conteúdo multimédia, faz o uso de tags, comentários e cria hiperligações de dentro e para fora das comunidades.

Contudo, como referem, a desmultiplicação de portais está a gerar informação redundante que muitas vezes faz repetir funções como, por exemplo, a criação de um perfil, uma caixa de e-mail ou um espaço de armazenamento de informação online.

Segundo os autores, as características que definem a generalidade dos sítios Web 2.0 são as seguintes:

- Os utilizadores vistos como uma prioridade no sistema com a criação de páginas de perfis detalhados no modo como definem a identidade do indivíduo;
- A possibilidade de criar conexões entre utilizadores através de ligações para outros utilizadores que são amigos, ou membros de um grupo, bem como a subscrição de RSS que serve para actualizar mudanças ocorridas nos perfis dos utilizadores;
- A possibilidade de integrar conteúdos sob várias formas: fotografias, blogues, comentários e votações no conteúdo de outros utilizadores, fazer uso de *tags* para catalogar conteúdos, e controlo de questões de privacidade e partilha de conteúdos;
- Outras características mais técnicas, como a inclusão de interfaces como uma API ou *mashups*. (Graham & Balachander, 2008)

No plano ideológico, apesar de autores considerarem a Web 2.0 como parte integrante de uma economia de mercado de empresas que vendem produtos em regime livre concorrência, a revista *Wired* publicou um artigo onde caracteriza o actual momento que vivemos na Internet como tendo contornos de um novo socialismo colectivista à escala global. O artigo de Kevin Kelly “The New Socialism: Global

Collectivist Society Is Coming Online” justifica o uso do conceito de socialismo pelos seguintes motivos:

“When masses of people who own the means of production work toward a common goal and share their products in common, when they contribute labor without wages and enjoy the fruits free of charge, it's not unreasonable to call that socialism”. (Kelly, 2009).

O artigo foca-se, em parte, nos programas *Linux* e nas licenças *GNU* que são desenvolvidas por uma “massa operária” de programadores que, em vez de residirem nos *gulags* soviéticos, colaboram em comunidades de prática onde desenvolvem código aberto.

A utopia de uma Internet descentralizada, livre e sem controlo dos Estados remonta de resto às ideias de Jonh Perry Barlow, vice-presidente da *Electronic Freedom Foundation*, que fala numa cultura livre de *dot-communism* onde agentes livres contribuem para uma economia de bem comum (Kelly, 2009).

Nas palavras do artigo de Kevin Kelly podemos falar num socialismo sem Estado, um pouco à imagem da anarquia socialista sem Estado de Proudhon, que contém em si quatro estádios de evolução.

A partilha, que consiste no facto de milhões de utilizadores enviar e trocarem textos, sons, imagens e vídeos de cariz pessoal para contentores como o *Youtube* ou redes sociais.

A cooperação envolve exercícios voluntários como a catalogação e classificação que feitos a uma grande escala exigem que o utilizador possua um sentido comunitário, na medida em que sabe que está a contribuir com bens seus para outros utilizadores e lhes atribui um significado partilhado. A comunidade de imagens *Flickr* é exemplo disso. Os sítios agregadores de notícias como o *Digg* e o *Reddit* possuem, igualmente, mecanismos de cooperação.

A colaboração caracteriza-se por ser mais organizada na sua acção, na medida em que pode existir uma coordenação com metas a atingir. Em vez de dinheiro, os programadores trabalham para uma parte do programa que estão a desenvolver sem olhar a benefícios dos lucros. Ganham, no entanto estatuto e experiência. Os programas encontram-se depois licenciados pelas licenças *GNU* ou *Creative Commons* que possibilitam um aproveitamento livre da cópia do código para outros fins.

O colectivismo, por último, ocorre quando grupos colectivistas em pequena escala assumem a responsabilidade de liderar o processo de funcionamento de um programa ou de um sítio. No caso da *Wikipedia*, como refere Kevin Kelly, se de facto é verdade que existem milhões de escritores espalhados pelo mundo, não menos o é para um pequeno grupo de editores que são responsáveis pela sua edição. O mesmo se passa para os sistemas operativos *Linux* e *Open Office*.

Num campo antagónico ao da análise da *Wired*, o politólogo Andrew Keen considera que a Web 2.0 conduzirá a uma cultura de amadorismo que pode pôr em causa as elites tradicionais. Para Keen, a Web 2.0 não passa de um movimento que funde a contra-cultura hippy de esquerda marxista da década de 60 com a utopia tecnológica e económica do digital dos anos 90.

Keen ironiza, dizendo que a Web 2.0 originou uma série de expressões do foro sociológico como “*Empowering citizen media, radically democratize, smash elitism, content redistribution, authentic community...*” que foram adoptadas pelo capitalismo dos novos media digitais (Keen, 2006).

Chegou-se a um consenso, errado segundo o autor, que com base nas inovações tecnológicas da Web 2.0, todos podemos ser cidadãos jornalistas, cidadãos realizadores de vídeos ou cidadãos músicos. Para Keen, o sonho da Web 2.0 é o pesadelo do filósofo Sócrates, na medida em que oferece a possibilidade, através da tecnologia de qualquer cidadão ser escritor ou artista (Keen, 2006).

Existe uma visão radical, segundo o autor errada, que coloca os medias tradicionais massificados do lado de uma burguesia exploradora e que do outro lado pensa que a revolução do proletariado e a noção de cidadania passa pela apropriação de meios de produção como a *Wikipedia*, blogues e *podcasts*.

Para Andrew Keen, as consequências da Web 2.0 são perigosas para a arte e a cultura pela forma como enfatizam uma cultura do Eu que em nada corresponde a uma inteligência colectiva. A noção de personalização que encontramos quando fazemos pesquisas através do Google e nos retornam anúncios personalizados, escrevemos o nosso blogue ou as sugestões que nos são dadas pelas lojas online apenas vêm reflectir a realização de um Eu individual fechado sobre si próprio (Keen, 2006).

1.1.1 A Web Participativa segundo a definição da OCDE

A ideia de que existe uma Web participativa é, no entanto, assumida pela OCDE num relatório denominado *Participative Web: User-Created Content – Web 2.0, Wikis and Social Networking* apresentado pela Comissão para as Políticas de Informação, Computorização e Comunicação em Março de 2007. A definição dada sobre o conceito de Web participativa é a seguinte: *It represents an Internet increasingly influenced by intelligent web services based on new technologies empowering the user to be an increasing contributor to developing, rating, collaborating and distributing Internet content and developing and customising Internet application* (OCDE, 2007)

A Web participativa, aqui definida pela OCDE, mede-se pelos conteúdos criados pelos utilizadores através do conceito de *user-created content* adoptado pela OCDE que engloba todas formas de trabalhos criativos gerados em plataformas de Web participativa (OCDE, 2007). Para melhor caracterizar este tipo de conteúdos, o relatório enuncia 3 características.

1. A necessidade dos conteúdos serem publicados em ambiente online como um sítio, blogue ou rede social e dirigido a uma comunidade virtual com interesses comuns.
2. O esforço criativo, personalizado por parte do autor na criação ou adaptação do conteúdo ou a colaboração num sítio como no texto de uma *wiki*.
3. O contexto da criação que ocorre em regra num espaço de aprendizagem informal, fora de um circuito profissional ou comercial. (OCDE, 2007)

Quanto às causas para o aumento dos conteúdos criados por utilizadores, como podemos ver na figura 2, a OCDE identifica razões de natureza tecnológica, económica, social, institucional e legal.

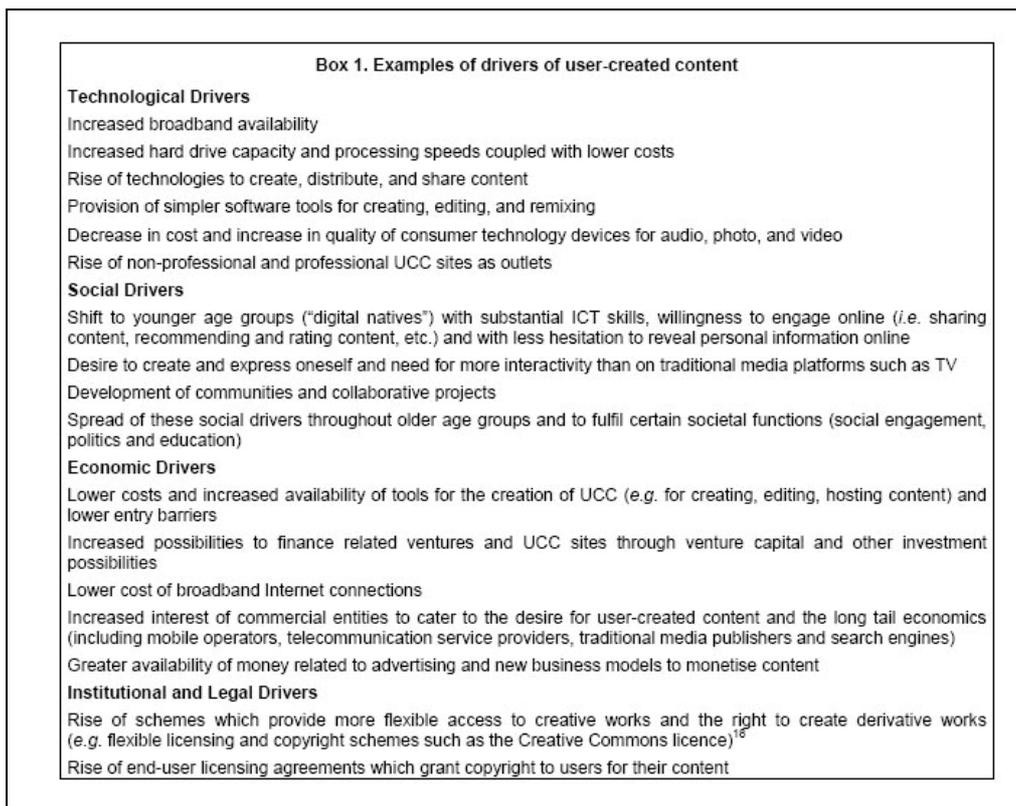


Figura 2 – Dispositivos de user-created content

As razões de natureza tecnológica prendem-se com a penetração generalizada nos países membros da OCDE da banda larga que viabilizou uma comunicação multimédia mais eficaz do que as conexões por *dial-up*. Associado a isto, assistiu-se a melhorias nos computadores no aumento de velocidade dos processadores, na capacidade de armazenamento dos discos rígidos e memória *ram*. Ao nível de *software*, a Web Participativa só foi possível graças a programas de edição do código *HTML* e restantes inovações, como a *folksonomy*, votações, recomendações, *podcast*, RSS, entre outras.

Os motivos sociais identificam a geração de utilizadores, sobretudo jovens adolescentes do sexo masculino que, progressivamente, vão abandonando a televisão e adoptaram um meio mais interactivo onde manifestam vontade de criar comunidades virtuais onde partilham os mesmos interesses. O inquérito norte-americano *Teens and Social Media* da *Pew Internet & American Life Project* permite, de resto, diagnosticar que o uso de blogues, redes sociais e criação de conteúdos digitais ocupa um espaço central na vida dos adolescentes.

Segundo os resultados sumários do inquérito podemos identificar as seguintes conclusões:

- 39% Dos adolescentes partilham as suas criações online, tais como fotografias, histórias ou vídeos
- 33% Criam ou trabalham em sítios ou blogues que produzem para grupos de pertença tais como amigos ou em contexto escolar.
- 28% Criaram os seu próprio jornal *online* ou blogue
- 27% Mantêm a sua própria página pessoal
- 26% Misturam de novo conteúdos que encontraram online que convertem nas suas próprias criações (Rainie, 2007)

No que toca às razões e factos económicos que emergem do modelo de Web Participativa, a OCDE afirma que as ferramentas de edição de conteúdos caracterizam-se por ser de baixo custo na sua edificação e, em regra, de acesso gratuito ao público. Para os investidores, o retorno do capital investido por parte das empresas é feito através da publicidade *online* do estilo *Google Adsense*, tal como no caso do *MySpace* que com 100 milhões de utilizadores foi adquirido pela *Fox Interactive Media* da *News Corporation* de Rupert Murdoch. Do lado do consumidor, o custo mais acessível da banda larga foi outro factor determinante que possibilitou que o utilizador estivesse mais tempo online.

Do ponto de vista legal e institucional, as licenças *Creative Commons* permitem aos seus autores a distribuição e a cópia dos seus trabalhos, bem como a criação de obras derivadas. Motores de pesquisa de plataformas de *user-created content* permitem a pesquisa de conteúdos livres que podem ser adoptados em função do tipo de licença *Creative Commons*.

1.1.2 A Web Semântica

Numa entrevista à IBM, o inventor da *World Wide Web* Tim Berners Lee afirma que não sabe muito distinguir a Web 2.0 da Web 1.0, na medida em que a Internet sempre foi criada com o intuito de ser um espaço social que liga pessoas através de computadores. Segundo o autor, a Web 2.0 é um fenómeno de blogues e *wikis*, uma espécie de gíria de alguns homens de negócios que aproveitaram tecnologia que já existia (Lee, 2006).

A Web tende, segundo Berners Lee, a evoluir para um modelo de Web semântica onde podemos antever o seguinte cenário:

“I have a dream for the Web [in which computers] become capable of analyzing all the data on the Web – the content, links, and transactions between people and computers. A ‘Semantic Web’, which should make this possible, has yet to emerge, but when it does, the day-to-day mechanisms of trade, bureaucracy and our daily lives will be handled by machines talking to machines. The ‘intelligent agents’ people have touted for ages will finally materialize.” (Subarna, 2007)

O conceito de Web Semântica tem por base o seguinte postulado: O pensamento humano é capaz de realizar associações de ideias em que se relaciona categorias de pensamento tais como um pintor a um movimento artístico e um período histórico. Nas páginas em *HTML*, os computadores não podem executar este tipo de tarefas porque a sua linguagem foi feita a pensar em pessoas e não em máquinas. Na Web Semântica procura-se encontrar uma visão e conjunto de práticas, expressas em linguagens e esquemas de metadados, que possam permitir que os computadores consigam encontrar, partilhar e cruzar variáveis de informação da rede.

Levou-se o conceito da rede mais longe, na medida em que se procura que aplicações possam estabelecer relações semânticas e produzir representações do conhecimento. Pensa-se que a publicação de metadados pode permitir ao computador, através da linguagem *RDF – Resource Description Framework* -, estabelecer relações entre categorias de dados que podem ser manipulados. Enquanto o *HTML* descreve o conteúdo e estrutura de um documento, com a linguagem *RDF* podemos descrever objectos como as pessoas, organizações e as suas relações.

Tecnicamente, a Web Semântica de Tim Berners Lee pode ser vista como uma evolução da *World Wide Web* onde o conteúdo pode ser expresso não apenas por linguagens de marcação como o *HTML* mas num formato de linguagens de metadados e ontologias como o *RDF*, *XML*, *OWL* e *SPARQL* que podem ser lidas e usadas por programas que permitem encontrar, trocar e integrar informação mais facilmente.

Em redes sociais como o *Hi5* e o *Orkut*, redes sociais tidas como sítios Web 2.0, o *RDF* procura estabelecer um standard através do vocabulário *FOAF – Friend of a Friend* – que serve para descrever pessoas, as suas actividades e as suas relações com outras pessoas e objectos. Para Tim Berners Lee, o *FOAF* constitui o ponto de partida

da revolução semântica onde se define a identidade *online* do indivíduo na rede. O exemplo da figura 3 identifica a pessoa Edd Dumbill autor do artigo *Finding friends with XML and RDF* que possui um *e-mail* e conhece outra pessoa cujo nome é Simon St. Laurent

```
<foaf:Person>
  <foaf:name>Edd Dumbill</foaf:name>
  <foaf:mbox rdf:resource="mailto:edd@xml.com" />
  ...
  <foaf:knows>
    <foaf:Person>
      <foaf:mbox rdf:resource="mailto:simon@xmlhack.com" />
      <foaf:name>Simon St.Laurent</foaf:name>
    </foaf:Person>
  </foaf:knows>
</foaf:Person>
```

Figura 3 - Exemplo de vocabulário FOAF (Dumbill, 2002)

Para alguns autores, a Web semântica permanece ainda no campo da utopia, na medida em que a ideia de descrever a informação da Web e as suas relações semânticas através das normas *W3C* de metainformação não têm sido postas em prática. Talvez devido aos custos a que obrigam a catalogação de informação, a Web semântica tem conhecido alguns entraves. Excepção feita a algumas comunidades académicas que fazem investigação nas ciências aplicadas como a Biologia ou Neurociências, o standard *RDF* não tem feito parte da agenda pública dos internautas, talvez por ser uma linguagem demasiado hermética.

Contudo, segundo Iván Herman (Borderie, 2006), coordenador da Web semântica na *W3C*, a Web semântica já começou a ser aplicada embora não se possa ver a semântica propriamente dita, dado que esta funciona por detrás dos bastidores. Para Herman, a Web semântica pode ser encontrada em sítios comerciais como a *Amazon* onde são propostas novas escolhas de produtos ao utilizador em função da sua navegação e onde se usam e salvaguardam os metadados em *RDF/XML* (Borderie, 2006).

1.2 Literacia Digital

1.2.1 Introdução

A literacia digital assume-se na sociedade do conhecimento como uma competência vital que, se estiver ausente ou subdesenvolvida no indivíduo, é uma barreira para o seu desenvolvimento pessoal e integração social. Mais do que o simples manuseamento tecnológico de um computador e da Internet, a literacia digital implica que o utilizador seja capaz de lidar com informação que recolheu na rede e continue a usá-la de forma efectiva e construtiva.

A literacia digital é, neste sentido, um elemento essencial tanto do ponto de vista do desenvolvimento económico como do ponto de vista social e que veio estabelecer uma fronteira entre info-incluídos e info-excluídos.

Independentemente da riqueza e pobreza de cada país, é no sistema educativo e no acesso às tecnologias de informação e comunicação que encontramos os indicadores que delimitam a fronteira que separa os cidadãos info-incluídos dos cidadãos info-excluídos.

Existe por outro lado uma linha divisória geracional que divide os info-incluídos entre nativos digitais e imigrantes digitais. Estas categorias, da autoria de Mark Prensky (Prensky, 2001), identificam um fosso entre os *digital natives*, jovens com menos de 30 anos que dominam a gramática digital da Internet, e os *digital immigrants*, adultos com mais de 30 anos que desconhecem ou sabem pouco das práticas dos nativos digitais mas que desenvolvem esforços consideráveis para manterem conhecimento (Prensky, 2001).

Na agenda política, o uso efectivo das TIC- Tecnologias da Informação e Comunicação - afigura-se, de resto, como um dos pilares que concretiza um das principais metas da Estratégia Europeia de Lisboa. Esse objectivo preconiza que a zona euro se torne na região do conhecimento do globo mais dinâmica e aparece sublinhado no programa de 2007 da seguinte forma:

“ The EU and its Member States must quickly adopt rapidly developing ICT in order to bridge the eSkills gap and be in a position to create a real knowledge based economy.” (Comissão Europeia, 2008)

No plano de acção para 2010, a Comissão Europeia dá conta da importância sócio-económica da literacia digital. A comunicação “Electronic skills for the 21st century:

fostering competitiveness, growth and jobs” refere-se do seguinte modo à inclusão digital:

“eInclusion is the use of Information and Communication Technology (ICT) to surmount social and economic deprivation and exclusion. optimal use of ‘digital possibilities” (Comissão Europeia, 2008)

Em suma, podemos considerar que a ausência ou lacunas no plano da literacia digital conduzem à exclusão social e conseqüente desigualdade social. Esta debilidade pode manifestar-se, como refere Steyaert, na privação do indivíduo de vários processos de aprendizagem tais como o *eWorking*, *eConsuming*, *eCommunicating* e *eDemocratic citizen*. (Steyaert, 2000)

1.2.2 Revisão de Literatura do Conceito de Literacia Digital

Num sentido mais lato do conceito, como refere Calixto, a literacia está para além da simples capacidade de leitura e escrita. A literacia de informação pode ser vista como a capacidade de processamento da informação escrita na vida quotidiana que se resume à capacidade de leitura, escrita e cálculo com base em diversos materiais escritos (Calixto, 2003). Intimamente associadas às capacidades de literacia do indivíduo, está a sua condição sócio-económica e níveis educacionais, bem como o poder que este possui para intervir plenamente enquanto cidadão na sociedade civil (Calixto, 2003).

Para a *American Library Association* um indivíduo com competências de informação deve ser capaz de reconhecer quando a informação é necessária, e ter as capacidades para a localizar, avaliar e usar eficazmente (Citado por Calixto, 2003). Calixto fala, igualmente, num plural de literacias e indica as noções de literacia do audiovisual e literacia informática. No que concerne especificamente o conceito de literacia de informação, o autor nota que o interesse pela temática se relaciona, em parte, com o aumento exponencial de informação, decorrente do desenvolvimento dos novos meios de comunicação digitais presentes na sociedade da informação.

Na definição de síntese do glossário *“Terminology of European education and training policy”* do *European Centre for the Development of Vocational Training*, considera-se a literacia digital como a competência para utilizar as TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação (CEDEFOP, 2009). Com a chegada da Internet, o termo literacia digital tem sido usado para nos referirmos ao uso de dispositivos tecnológicos

digitais que exigem a capacidade de localizar, organizar, avaliar, ler e escrever informação em modelo de hipertexto e hipermedia. É, neste, sentido que encontramos autores que procuram aproximar a literacia em modelo digital de uma literacia multimédia. Richard Lanham, por exemplo, considera o conceito de literacia digital sinónimo de literacia multimédia e assume que a aprendizagem na era do digital implica a capacidade de decifrar textos, sons e imagens combinados e presentes numa mesma fonte de informação. (Bawden, 2001)

O conceito mais popular de literacia digital pertence, no entanto, a Paul Gilster que inclui o termo na obra *Digital Literacy* (Gilster, 1997). Para Gilster, a literacia digital obriga a uma profunda alteração da forma como encaramos o conceito de literacia e que obriga a que repensemos a forma como localizamos, avaliamos, organizamos, lemos e escrevemos informação (Gilster, 1997).

Gilster define literacia digital do seguinte modo:

"the ability to understand and use information in multiple formats from a wide variety of source when it is present via computers." (Gilster, 1997)

O mesmo autor identifica vários mecanismos cognitivos à frente do monitor que temos que assimilar quando estamos a lidar com o médium: um conjunto de acções que implicam interagir, comunicar, aceder e publicar informação que caracterizam a comunicação bidireccional da Internet. Ao contrário da televisão que limita a sua interacção à troca de canais do comando, as capacidades adquiridas em literacia digital ocupam parte da interacção do nosso quotidiano tanto no plano profissional como pessoal.

Num sentido mais restrito, Gilster considera que conceito de literacia digital implica a capacidade de saber lidar com os recursos informacionais de um computador ligado em rede (Gilster, 1997). O autor chega mesmo a equiparar os termos literacia digital e literacia da Internet, afirmando que a Internet está a ter um impacto social que obrigou a que os conteúdos de fontes como a televisão, rádio, revistas, livros sofressem um processo de migração para os novos meios digitais (Gilster, 1997).

No artigo *"Digital Skills, literacy in the information society"* (Steyaert, 2000), Steyaert expõe outra definição de literacia digital, tendo para isso procedido a uma distinção entre as capacidades instrumentais, estruturais e estratégicas de literacia digital.

As capacidades instrumentais relacionam-se com a forma como o indivíduo lida com tecnologia. Implica não apenas acções elementares tais como usar um rato ou um teclado, como também passa por processos tais como pesquisar na Internet ou instalar novos programas. (Steyaert, 2000).

As capacidades estruturais são necessárias para lidar com a forma como a informação é apresentada. Enquanto no livro, nos confrontamos com uma leitura linear com um índice de conteúdos, as novas capacidades de literacia digital implicam que se saiba navegar e ler através de hiperligações em modelo hipertextual ou hipermédia. A leitura e escrita de informação dinâmica, constantemente actualizada como no caso da comunicação síncrona dos fóruns ou grupos de discussão preenchem outro requisito da capacidade estrutural (Steyaert, 2000).

Com a capacidade estratégica, a ênfase coloca-se no modo efectivo como a informação é aplicada. As capacidades estratégicas permitem ao indivíduo fazer uso da informação para a sua vida pessoal e tirar benefícios disso (Steyaert, 2000).

Por seu turno, o projecto europeu *DigEuLit*¹ veio propôr um quadro de acção sobre literacia digital na União Europeia e um corpo teórico sobre o termo. Enquadrado no Programa de *eLearning* da Comissão Europeia, o projecto *DigEuLit* tem por fim dar resposta ao seguinte ponto que visa a promoção da literacia digital:

The ability to use ICT and the Internet becomes a new form of literacy – “digital literacy”. Digital literacy is fast becoming a prerequisite for creativity, innovation and entrepreneurship and without it citizens can neither participate fully in society nor acquire the skills and knowledge necessary to live in the 21st century.

Para Allan Martin, o conceito de literacia digital implica que o indivíduo esteja apto para proceder a acções digitais no campo do trabalho, educação, lazer e outros aspectos do quotidiano (Martin, 2005). A literacia digital do indivíduo varia consoante a sua situação pessoal e é um processo de aprendizagem ao longo da vida.

O conceito de literacia é, desta forma, mais amplo do que a literacia das TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação – e inclui elementos de outras literacias, tais como a literacia da informação, literacia dos media e literacia visual (Martin, 2005). A

¹ Para saber mais sobre o Projecto DigEuLit consultar:

http://www.elearningeuropa.info/directory/index.php?page=doc&doc_id=6007&doclng=6

literacia digital exige que se adquira e se faça uso de conhecimento, técnicas, atitudes e qualidades pessoais; o que implica a capacidade de planejar, executar e avaliar acções digitais que solucionam tarefas e a capacidade do próprio desenvolver a sua literacia digital (Martin, 2005).

Com base nestas premissas, este autor propõe o seguinte conceito de literacia digital:

“Digital literacy is the awareness, attitude and ability of individuals to appropriately use digital tools and facilities to identify, access, manage, integrate, evaluate, analyse and synthesise digital resources, construct new knowledge, create media expressions, and communicate with others in the context of specific life situations, in order to enable constructive social action; and to reflect upon this process.”

O conceito aqui descrito tem o mérito de mostrar que a literacia digital não é um processo estático mas sim dinâmico, que se relaciona com o modo como o indivíduo se apropria de utensílios digitais para a sua situação pessoal. O processo de assimilação de informação em contexto digital implica, por isso, que o indivíduo saiba construir novos conhecimentos e lógicas de comunicação num novo contexto social.

No artigo *Experiments in Digital Literacy*, Yoram Alkali e Yair Hamburger apresentam uma abordagem técnica, cognitiva e social das capacidades da literacia digital. Segundo os autores, a literacia digital implica mais do que o simples manuseamento de tecnologia e tem consequências em operações cognitivas tais como pesquisar informação num motor de busca, mandar um *e-mail*, trabalhar com uma base de dados ou uma folha de cálculo ou saber estar numa sala de conversação síncrona. Alkali e Hamburger denominam estes processos de aprendizagem como capacidades de sobrevivência que representam um factor crítico de sucesso de bem-estar da sociedade do conhecimento (Alkali & Amichai-Hamburger, 2004).

Podemos, segundo os autores, subdividir a literacia em 5 dimensões particulares do conceito:

A capacidade de literacia foto-visual que se traduz na capacidade dos utilizadores de um interface interpretarem e compreenderem mensagens que podem ser representadas de uma forma visual ou gráfica. Consiste na representação visual de ícones ou símbolos (Alkali & Amichai-Hamburger, 2004).

A capacidade de reprodução que consiste na habilidade criativa de um indivíduo interpretar e reinventar conteúdos multimédia e gerar novos significados e novas expressões artísticas (Alkali & Amichai-Hamburger, 2004). Podemos, a propósito desta dimensão da literacia, afirmar que ao lançar o lema *Some Rights Reserved* em vez de *All Rights Reserved*, a licença *Creative Commons* bem como as licenças *GNU* de *Copyleft* inserem-se no movimento de cultura livre que caracteriza o modelo da Web participativa.

A literacia digital arborescente relaciona-se, directamente, com a escrita hipermediática e não linear da rede que forma árvores de conhecimento que o utilizador experiencia em ambientes multimédia ou de bases de dados. A literacia digital arborescente exige ao utilizador uma boa orientação espacial para que não se perca na navegação e um pensamento por metáfora em que se tem que imaginar modelos e mapas conceptuais de saber (Alkali & Amichai-Hamburger, 2004).

A literacia digital de informação repete o conceito de literacia de informação mas no campo exclusivo da pesquisa de fontes na Internet. Traduz-se na capacidade dos utilizadores serem consumidores inteligentes de informação, no sentido de procederem a operações como identificar fontes irrelevantes ou enviesadas e possuírem sentido crítico face à massa gigantesca de informação da era digital (Alkali & Amichai-Hamburger, 2004). A selecção dos resultados dos motores de pesquisa, a opção por motores especializados representam mecanismos que ajudam a melhorar a pesquisa de fontes de informação digitais.

Por último, e não menos importante, aparece a capacidade sócio-emocional da literacia digital que exprime a aptidão de um indivíduo se relacionar socialmente na rede. Esta última característica pode ser vista, segundo os autores, como a mais complexa na medida em que é uma síntese das outras quatro e dá conta de uma aculturação bem sucedida do indivíduo ao nível da comunicação digital. A *netiquette* da comunicação síncrona e assíncrona dos *chats*, correio electrónico, grupos de discussão e comunidades colaborativas de aprendizagem exige um processo de assimilação de atitudes e comportamentos que demora o seu tempo até se completar o processo de acomodação (Alkali & Amichai-Hamburger, 2004).

1.2.3 Leitura Online e Leitura Linear no Livro

No âmbito deste projecto de investigação, o estudo de caso incide sobre O Clube de Leituras, um sítio que visa promover uma comunidade virtual interessada em partilhar o gosto pela leitura e pela escrita. Apoiado pelo Plano Nacional de Leitura, trata-se, de um projecto de literacia digital concebido para uma leitura e escrita hipermédia, situado nos princípios da Web participativa. O sítio visa, no entanto, aproximar os seus utilizadores da leitura linear dos livros no seu modelo tradicional, disponibilizando obras da literatura universal em formato de livro electrónico, citações ou incentivando através de concursos os membros a redigirem blogues sobre autores conhecidos. Importa, por isso, no âmbito desta revisão de literatura confrontar a literacia digital e a leitura e escrita hipermédia com a leitura linear em modelo impresso. Será a leitura online um incentivo para a leitura de livros? Ou andará a leitura online a anular o tempo e gosto pela leitura de livros? Como têm coabitado estas duas formas de interpretação?

Parece-nos óbvio, primeiro do que tudo, que o livro e a leitura na Internet são duas formas de leitura e aquisição de informação distintas. No papel, o texto de um livro possui, eventualmente, um índice de conteúdos e aparece de forma linear, o que obriga o leitor a focar-se na visão do autor do texto. A comunicação auto-dirigida da Internet (Castells, 2001) dá a liberdade aos leitores de calcularem a viagem da sua leitura. Do ponto vista da sua linguagem, a Internet rege-se segundo uma gramática hipermédia de texto, sons, imagens e vídeos ligados entre si por hiperligações. Acrescente-se a isto, o recente modelo de Web participativa de *read-write-web*, torna a leitura um processo muito próximo da escrita que é incentivada através de comentários, blogues, *wikis* ou outras funcionalidades da denominada Web 2.0.

Convém, no entanto, questionar que benefícios a literacia digital traz para a leitura. Segundo um artigo de Motoko Rich “*Literacy Debate: Online, R U Really Reading?*”, as posições mais conservadoras alertam para o facto de que a leitura online é pouco enriquecedora. A linguagem hipermédia distrai mais do que uma leitura em modelo impresso e resume-se em muitos casos à leitura de textos curtos (Motoko, 2008). Para além disso, ao nível do *hardware*, o monitor enquanto dispositivo de leitura não superou as potencialidades do livro e inovações como os *e-readers* ou o papel electrónico ainda não foram largamente adoptados pelo indivíduo comum.

Outra crítica negativa, aponta para o facto da literacia digital dos mais novos se cingir em muitas das vezes à frequência de redes sociais, jogos online e chats; tarefas

que envolvem muito pouca leitura (Motoko, 2008). Por isso mesmo, o argumento que leva autores a crerem que os mais novos deviam ler mais livros prende-se com uma justificação simples: Tornam-se melhores leitores se lerem livros e, segundo estatísticas federais norte-americanas, obtêm melhores resultados na escola (Motoko, 2008). Por estes motivos, os críticos da leitura na Internet não acreditam que existam evidências que provem que a Web melhor a aprendizagem e compreensão da leitura. Segundo Gioia do National Endowment for the Arts, os Estados Unidos da América, bem como outros países, estão a perder a capacidade de concentração da leitura linear dos livros (Citado por Rich, 2008).

Ken Pugh, um neurologista cognitivo da universidade de Yale que estuda a leitura no desenvolvimento cerebral de crianças, nota que ler um livro exige um processo de maior atenção e imaginação que é, sem dúvida, mais enriquecedor do que a leitura online (Citado por Rich, 2008).

Já os autores que apoiam a leitura online acreditam que leitores inveterados da Web podem inclusive ler mais do que os leitores que preferem livros. Apontam como razão de que a multiplicidade de fontes de informação como sítios, *wikis* e blogues podem ser mais enriquecedores do que um simples livro (Motoko, 2008).

Segundo Donald J. Leu do *New Literacies Research Lab* da Universidade de Connecticut, a literacia digital deu origem a um novo tipo de leitores que procedem a três etapas quando pesquisam e lêem informação (Leu, 2007).

1. Desenvolvimento de uma pergunta de partida: Para dar resposta a uma questão que irá determinar o rumo da sua leitura, é exigido aos leitores online que abram o seu *browser* e um motor de pesquisa onde inserem palavras ou frases que visam dar resposta à sua pergunta de partida.
2. Avaliar e sintetizar a informação: Confrontados com a página de resultados dos motores de pesquisa, os leitores têm que ajuizar o valor da informação e encontrar respostas provenientes de várias fontes de informação que sintetizam a sua pergunta inicial.
3. Comunicar informação: Os leitores online comunicam com frequência ideias da informação que recolheram através do envio de hiperligações, *posts* de blogues, mensagens instantâneas ou grupos de discussão.

No artigo *Reading and the Reading Class in the Twenty-First Century*, Wendy Griswold considera que os leitores são uma classe social influente e com poder, uma minoria educada. De acordo com a noção de Pierre Bourdieu adoptada pela autora, os leitores possuem um capital cultural, a leitura, que comunicam entre si, o que por si só lhes confere prestígio social (Griswold W., 2005). Ao referir-se a esta minoria como classe social, Wendy Griswold não acredita, contudo, que a leitura seja um hábito da maioria populacional de uma sociedade como demonstram as estatísticas enunciadas no seu estudo. Segundo a autora, ter-se-ia concebido um ideal romântico de que isso seria possível. Contudo, só desde a 2ª metade do séc. XIX é que as pessoas lêem nos seus tempos livres por gosto e só em certos países e zonas do globo como o Norte e Nordeste da Europa e Japão. Griswold acredita, antes, numa universalização de uma literacia funcional que serve o indivíduo em contextos como o seu trabalho (Griswold W., 2005).

No que se refere à leitura online, Wendy Griswold sugere que a Internet leva a que se leia mais. Ao contrário da televisão que suprime tempo de leitura, a autora considera existir uma relação entre os utilizadores que passam mais tempo na Internet que são os que lêem mais. Ler é, aliás, segundo a autora uma condição absolutamente necessária para se navegar e participar na Web.

Por outro lado existem, segundo a autora, duas razões que nos levam a crer que a Internet faz com que as pessoas leiam mais.

A primeira, é uma perspectiva convergente que considera que a Internet suporta a leitura do livro e vice-versa. A autora cita o caso de sítios como a *Amazon* ou da *Barnes & Nobles* que fomentam modelos de negócio online para a venda de livros. Por outro lado, de ponto de vista comunicacional, instrumentos como o *e-mail*, blogues, grupos de discussão e salas de conversação síncrona desenvolvem comunidades de prática de indivíduos interessados pela leitura.

A segunda razão relaciona-se com os indivíduos que consomem todo o tipo de manifestações culturais e que, com a chegada da Internet, aumentaram ainda mais os seus índices de leitura. Os “omnívoros culturais”, segundo a definição de Richard Peterson (Citado por Griswold W., 2005), são, geralmente, indivíduos educados da classe média que mantêm um capital cultural diversificado.

Podemos, em suma, considerar que a literacia digital envolve uma nova forma de leitura em modelo hipermédia que se distingue da leitura linear dos livros tradicionais. Falar numa generalização da leitura online enquanto prática de literacia digital é cada

vez mais comum no grupo dos info-incluídos. Já em relação à leitura de livros enquanto prática social, esta continua a ser um hábito de uma classe minoritária de indivíduos com níveis educacionais acima da média.

1.3 Aprendizagem Informal

As pessoas tendem a aprender por razões de adaptação ao seu meio ambiente. À medida que se tornam sujeitos integrados numa sociedade irã, paralelamente ao seu processo de socialização familiar, frequentar o ensino formal durante mais ou menos tempo e depois ocupar postos de trabalho que os obrigam a reciclar conhecimentos e competências ao longo da vida. Esta perspectiva de percurso de vida pode, no entanto, parecer-nos etnocêntrica, se pensarmos que, nas sociedades tradicionais ou fora do ocidente, o ensino e a aprendizagem de uma profissão são produto de uma aculturação que acontece na família, em comunidade ou sociedade.

A consciencialização e interesse político pelo ensino fora das normas do ensino tradicional e por via da aprendizagem informal resultam, neste sentido, de uma discussão teórica recente das sociedades modernas. No artigo “*Informal Learning and the Role of Social Movements*”, Bernd Overwien cita o relatório da UNESCO da Comissão Faure de 1972 “*The Objectives and Future of our Educational Programmes*” onde se relativiza a noção de ensino informal que é em muitas zonas do globo a única forma de aquisição de conhecimento (Overwien, 2005). Já em relação às sociedades modernas e ocidentais, o relatório prevê que o desenvolvimento científico e tecnológico, bem como a sociedade da informação, irã confrontar os sistemas de ensino tradicionais e levar à expansão da aprendizagem auto-didacta (Overwien, 2005).

Mais tarde, em 1996, Jacques Delors em relatório apresentado à UNESCO viria a sintetizar esta perspectiva no documento “*Learning: the treasure within*”. A comissão considera que as estratégias e programas de ensino devem combinar as aprendizagens formal e informal, bem como a aprendizagem ao longo da vida e que estas podem fazer parte de um mesmo quadro de acção onde os actores são as instituições governamentais, sector produtivo, comércio e comunidades locais (Delors, 1996).

No *Memorando sobre Aprendizagem ao Longo da Vida* da Comissão das Comunidades Europeias (Comissão das Comunidades Europeias, 2000), podemos distinguir essencialmente 3 tipos de aprendizagem:

1. A aprendizagem formal que ocorre em instituições de ensino e formação e conduz à obtenção de um diploma e qualificações reconhecidos.
2. A aprendizagem não-formal que ocorre num plano paralelo aos sistemas de ensino e formação através de actividades de organizações ou grupos da sociedade civil e que conduz à obtenção de certificados.
3. A aprendizagem informal que é um processo de aquisição de conhecimento do dia-a-dia e que, contrariamente à aprendizagem formal e não-formal, pode ser um tipo de aprendizagem de que o indivíduo não possui consciência mas melhora os seus conhecimentos e aptidões (Comissão das Comunidades Europeias, 2000)

Já a definição do glossário “Terminology of European education and training policy” do European Centre for the Development of Vocational Training define aprendizagem informal do seguinte modo:

Apprentissage découlant des activités de la vie quotidienne liées au travail, à la famille ou aux loisirs. Il n'est ni organisé ni structuré (en termes d'objectifs, de temps ou de ressources). L'apprentissage informel possède la plupart du temps un caractère non intentionnel de la part de l'apprenant. (CEDEFOP, 2009)

Ao contrário do ensino formal e não-formal, a aprendizagem informal ocorre fora dos sistemas educativos, não é organizada nem estruturada, nem tem de ser necessariamente um processo consciente e intencional. Resulta, antes, da socialização do quotidiano do indivíduo.

No artigo “*The Forms of Informal Learning: Towards a Conceptualizing of the Field*”, Daniel Schugurensky do *Social Sciences and Humanities Research Council* do Canadá propõe uma classificação para os tipos de aprendizagem informal. O autor sugere, fazendo uso das categorias de intencionalidade e consciência, que é possível desenvolver uma taxonomia que identifica três formas de aprendizagem informal.

A aprendizagem informal auto-dirigida refere-se aos projectos de ensino desenvolvidos por iniciativa dos indivíduos sem a presença de professores, mas que podem incluir uma pessoa de recurso que não é vista como um professor (Schugurensky, 2000). É uma aprendizagem informal, intencional e consciente porque o

indivíduo a cumprir por sua iniciativa. Como exemplos, o autor cita o caso de alunos que, fazendo parte de uma escola militar conservadora, desenvolvem num clima de secretismo um grupo de discussão sobre política económica. Outro exemplo referido, é o simples acto de um grupo de amigos que recorrem a uma receita de culinária na Internet ou falam com uma avó para um jantar que estão a preparar.

A aprendizagem incidental refere-se a aprendizagens de que o indivíduo não possui intenção de concretizar mas que se tornam parte integrante de um processo consciente e adquirido (Schugurensky, 2000). Como exemplos, o autor refere o caso de um professor vindo de uma escola conservadora que integra uma escola progressista. Passado uns anos, o professor altera a sua forma de leccionar. Outro caso referido, é o de uma pessoa que ao ver um documentário sobre o tratamento desigual dado a um grupo étnico toma consciência desse facto histórico sem ter intenção disso.

Por último, Schugurensky propõe que a socialização ou conhecimento tácito do indivíduo sejam considerados um tipo de aprendizagem informal. Segundo o autor é todo o processo interno, inconsciente e não intencional de assimiliação de normas, valores, atitudes e comportamentos que este vai adquirindo no dia-a-dia. Refere como casos de socialização, o exemplo de uma pessoa que se tornou racista devido ao seu meio social e não devido a um processo de aprendizagem adquirido. Outra situação enunciada, é a de uns amigos que se iniciam numa actividade desportiva e que depois de anos de prática se tornam hábeis e sem darem por isso assimilaram uma aprendizagem ao longo da vida.

No que se refere ao tempo ocupado pela aprendizagem informal, David Livingstone, no artigo “*Mapping the Iceberg*”, conduziu um inquérito através do *National Research Network on New Approaches to Lifelong Learning* onde questionou 1500 indivíduos canadianos sobre as suas práticas de aprendizagem. Livingstone começa por definir aprendizagem informal do seguinte modo:

Informal learning includes anything we do outside of organized courses to gain significant knowledge, skill or understanding. It occurs either on our own or with other people. As this survey confirms, informal learning is like an iceberg – mostly invisible on the surface and immense. (Livingstone, 2002)

Segundo os resultados do inquérito, quase 90% das pessoas encontra-se envolvida num contexto de aprendizagem informal que lhes ocupa em média 15 horas por semana (Livingstone, 2002).

No que toca ao sítio Clube de Leitura, podemos considerar que se assume, claramente, como um espaço para a aprendizagem informal. Embora esteja inserido no contexto uma directriz governamental, o Plano Nacional de Leitura, o Clube de Leituras visa ser um espaço informal de uma comunidade de prática, relacionado com literatura e práticas culturais.

Quanto ao tipo de aprendizagem informal, e segundo a taxonomia de Schugurensky, podemos considerar o Clube de Leituras uma aprendizagem auto-dirigida, na medida em que se trata de um processo intencional e consciente do indivíduo, interessado em obter conhecimentos sobre a leitura e escrita através da Internet e de plataformas de comunicação como um blogue.

A Web 2.0 assume-se, de resto, como um contexto de aprendizagem informal por via da comunicação mediada por computador. De facto, é hoje em dia aceite que as pessoas se envolvem em actividades de aprendizagem informal através das TIC. Essas actividades permitem a prática de experiências que suportam o ensino formal, embora não possam ser consideradas educativas no sentido mais tradicional do termo.

No artigo “*Informal learning in the era of Web 2.0*”, Jokisalo e Riu afirmam que é hoje em dia impossível falar-se da Internet sem se falar da Web 2.0 devido ao tempo que as pessoas ocupam com as redes sociais, blogosfera, fóruns, *wikipedia*, *tagging* e outras actividades. Quando o sujeito utiliza a Web sem o objectivo explícito de aprender, mas acaba por gerar uma aprendizagem de modo espontâneo, estamos perante um tipo de aprendizagem informal (Jokisalo & Antoni, 2009). Elina e Riu identificam 3 territórios de *e-learning* informal na era Web 2.0:

O desenvolvimento pessoal através do *e-learning*: Com a emergência da Web 2.0 os autores consideram que se deve considerar o conceito de *e-learning 2.0* e sugerem que a Web passou de um estado de publicação passiva de informação passiva para uma participação activa do indivíduo. Este é um tipo aprendizagem informal onde o indivíduo se envolve, geralmente, em casa em actividades educativas informais. (Jokisalo & Antoni, 2009)

A aprendizagem através de comunidades de prática relaciona-se com a organização de indivíduos ou grupos que se encontram para discutir e trocar informação sobre determinado assunto. São comunidades de prática onde o objectivo e propósito da comunidade são explícitos, embora não sejam formais, e conduzem à aquisição de novas competências e processos de socialização (Jokisalo & Antoni, 2009).

Por último, as comunidades que geram conhecimento sem intenção de o produzir, distinguem-se das outras porque se reúnem de forma espontânea, sem uma finalidade assente. São, a título de exemplo, indivíduos que se reúnem em *chats*, blogues ou fóruns e que têm factores de atracção tais como a sua proximidade geográfica ou intelectual ou mesmos passatempos (Jokisalo & Antoni, 2009).

<i>e-L 2000</i>	<i>i-e-L 2010</i>	<i>Web 2.0 and i-e-L 2010</i>
Distributes consolidated knowledge	Generates new knowledge	Personal and community weblogs, Slideshare, YouTube, Wikipedia, Wordpress, Flickr.
Is still e-teaching	Is owned by the learner	Personal Learning environments, weblogs, ePortfolios, collective ownership of results
May isolate the learner	Creates learning communities	Facebook, MySpace, Twitter, LinkedIn, thematic communities
Is delivered by a single provider/institution	Is the result of and a tool to support partnership	Communication tools. Exchange and benchlearning
Ignores the learner's context and previous achievements	Builds on the learner's contexts and previous achievements	ePortfolios, Delicious, archives, tagging, folksonomies, restoring
Depresses the learner's creativity through transmissive logics	Stimulates the learner's creativity by enhancing the spontaneous and playful dimension of learning	Edutainment, game based learning
Restricts the role of teachers and learning facilitators	Enriches the role of teachers and learning facilitators	Peer-to-peer sites, asynchronous/synchronous communication
Focuses on technology and contents	Focuses on quality, processes and learning context	Focuses on the role of users in supporting their own learning and the learning of peers
Substitutes classroom sessions	Is embedded in organisational and social processes of transformation	Embedded Web 2.0 applications
Privileges those who already learn	Reaches and motivates those who were not learning	Enhanced accessibility

Quadro 1 - Do e-Learning 2000 ao Innovative e-Learning 2010 + inovações de Web 2.0 (Jokisalo & Antoni, 2009)

Face à emergência da Web 2.0, Elina Jokisalo e Antoni Riu propõem um quadro onde acrescentam aos relatórios *HELIOS e-learning 2000* e *e-learning for innovation 2010* as inovações Web 2.0 que consideram ser adequadas para as características dos modelos educativos (ver quadro).

No departamento de Estudos de Media Comparados do MIT, o projecto *New Media Literacies* tem vindo a desenvolver uma investigação que estuda o modo como se pode dar aos adolescentes competências sociais e culturais para que estes se tornem participantes efectivos na sociedade do conhecimento. O artigo que apresenta o projecto “*Confronting the Challenges of Participatory Culture: Media Education for the 21st Century*” (Jenkins, 2006) dá conta dos estudos do *Pew Internet & American Life Project* que referem que metade dos adolescentes norte-americanos criaram conteúdos online e que cerca de um terço partilha a sua cultura de um modo informal através da

rede. Jenkins engloba estas práticas no que designa por cultura participativa e que define do seguinte modo:

“A participatory culture is a culture with relatively low barriers to artistic expression and civic engagement, strong support for creating and sharing one’s creations, and some type of informal mentorship whereby what is known by the most experienced is passed along to novices. A participatory culture is also one in which members believe their contributions matter, and feel some degree of social connection with one another (at the least they care what other people think about what they have created)” (Jenkins, 2006).

A definição de Henry Jenkins, que encontra semelhanças como a definição de Web Participativa, dá conta da emergência na Web de uma cultura de participação com forte propensão para a expressão artística e envolvimento cívico, onde o conhecimento tácito é transferido de um modo informal numa comunidade de indivíduos que acreditam que os seus contributos podem ser significados sociais partilhados. Jenkins designa o espaço da cultura de participação como o lugar de uma nova literacia digital, que ocorre fora dos programas das escolas e que vem confrontar o ensino formal. Os espaços de afinidades, termo proposto pelo autor, são por oposição ao ensino formal mais experimentais e inovadores (Jenkins, 2006). Vêm superar barreiras de sociabilidade relativamente a indicadores como idade, classe, raça, género e níveis educativos. São territórios localizados mas voláteis e provisórios, na medida em que não possuem a burocracia e carácter institucional do ensino formal e não se limitam a uma dimensão nacional. Permitem, por isso, que a mobilidade do indivíduo aconteça com muito mais facilidade do que no ensino formal (Jenkins, 2006).

Noutro contexto, as organizações começaram a tomar consciência de que o conhecimento empírico, adquirido através dos canais de aprendizagem informal, pode conviver com a aprendizagem formal e integrar parte da sua cultura organizacional. Para melhor compreender os efeitos da aprendizagem informal a *American Society for Training & Development* e o *Institute for Corporate Productivity* levou a cabo um inquérito dirigido aos recursos humanos e profissionais do ensino onde procura avaliar a presença de práticas de aprendizagem informal. Os investigadores definiram aprendizagem informal da seguinte forma:

“In this survey, we define ‘informal learning’ as a learning activity that is not easily recognizable as formal training and performance support. Generally speaking, it takes

place without a conventional instructor and is employee-controlled in terms of breadth, depth, and timing. It tends to be individualized, limited in scope, and utilized in small chunks.” (Paradise, 2008)

As respostas dos inquiridos demonstraram claramente que a aprendizagem informal faz parte das suas organizações. O *e-mail* aparece citado como a ferramenta de comunicação mais usada. O uso da *Intranet* da organização aparece em segundo lugar. Foi dada, igualmente, importância à pesquisa no *Google*. Alguns inquiridos registaram casos de sucesso de aquisição de conhecimento através de *podcasts*, televisões em áreas comuns e *wikis* internas (Paradise, 2008).

Capítulo III - Enquadramento Metodológico

A presente investigação assenta numa metodologia holística com recurso a uma triangulação de técnicas. Sobre a triangulação de técnicas Michael Quinn Patton afirma que este é um método dispendioso do ponto de vista da sua execução e economia, mas que pode reforçar a validade e profundidade de um estudo de caso (Patton, 1990). O autor referencia as categorias definidas por Denzin de *data triangulation*, *investigator triangulation*, *theory triangulation* e *methodological triangulation* (Patton, 1990). No contexto do presente estudo de caso, optámos pela triangulação de dados, obtidos através de fontes documentais, da ferramenta Google Analytics, da análise da base de dados do Clube de Leituras e de um inquérito online efectuado a membros do Clube de Leituras. As fontes documentais formam o conjunto de documentos internos que serviram para apoiar a redacção do estudo de caso. Como exemplo, é de salientar toda a informação presente no sítio Clube de Leituras, bem como os documentos institucionais do Plano Nacional de Leituras.

2.1 Desenho do Estudo de Caso

O presente estudo de caso pretende ser uma investigação de avaliação. Este tipo de investigação visa, segundo a noção de Patton, determinar a eficiência da intervenção humana num determinado produto (Patton, 1990).

A problemática do estudo de caso tem, por isso, a seguinte hipótese de estudo: o Clube de Leituras é um sítio de Web participativa que promove a literacia digital e aprendizagem informal.

Definida a hipótese de estudo, procedeu-se a uma construção de um modelo de análise onde a revisão de literatura sobre os conceitos de Web participativa, literacia digital e aprendizagem informal, formam o corpo teórico que sustenta uma realidade observável, o Clube de Leituras.

À etapa da construção do modelo de análise sucedeu a observação que neste caso se tratou de uma observação participante, na medida em que o autor do estudo é membro da equipa de projecto. Como refere Raymond Quivy (Quivy & Campenhoudt, 1998), a

observação é a etapa onde o modelo de análise e a hipótese de estudo são submetidos ao teste dos factos e confrontado com dados observáveis.

Relativamente ao campo de análise empírico escolhido, Quivy considera dois campos de análise possíveis: os fenómenos ou acontecimentos singulares e os processos sociais. No caso dos fenómenos ou acontecimentos particulares, estes definem eles próprios os limites da sua análise no que respeita a factores como espaço, período de tempo, zona geográfica e actores sociais. Já nos processos sociais, o investigador tem de proceder a escolhas e limitar as variáveis do campo de análise (Quivy & Campenhoudt, 1998).

No caso do presente estudo de caso, optou-se por observar um fenómeno singular, o Clube de Leituras, uma rede social virtual de comunicação digital desenvolvida para o Plano Nacional de Leitura com o intuito de melhorar as competências de literacia ao nível da Internet. O Clube de Leituras é um espaço relacionado com as práticas culturais onde os membros formam uma comunidade de prática onde agregam e partilham informação em hipermédia através da escrita em blogues. É, igualmente, possível aos membros lerem e partilharem notícias, citações, livros electrónicos e vídeos.

Ao nível da variável espaço, pelo facto da Internet ser um instrumento de comunicação global, os participantes do Clube de Leituras têm a probabilidade de terem origem de vários países do globo. Foi escolhida a ferramenta *Google Analytics* para analisar esta variável. O *Google Analytics* insere-se dentro da linha de programas de análise computadorizada de *Web analytics* que visam medir o comportamento dos visitantes de um sítio. O *Google Analytics* permite a identificação de variáveis como número de *hits* de uma página, localização geográfica dos visitantes, conteúdos mais vistos, origem de tráfego, sistema operativo e navegadores utilizados. A recolha de dados por monitorização foi feita com base no universo total dos visitantes e é uma forma de avaliar de que modo os visitantes do Clube de Leituras têm vindo a adoptar o sítio enquanto espaço de comunicação e socialização de literacia digital e que gera mecanismos de aprendizagem informal da leitura e escrita.

Com os dados sobre a proveniência geográfica do sistema de monitorização *Google Analytics* veio-se a verificar uma dispersão geográfica dos visitantes do sítio devido em parte à variável da língua, neste caso a língua portuguesa, o que veio a limitar a análise em grande parte a Portugal e Brasil. Em relação ao território nacional, registou-se uma

assimetria entre litoral e interior, com uma concentração macrocéfala dos visitantes nas zonas metropolitanas de Lisboa e Porto.

No que se refere à variável tempo, o Clube de Leituras é um sítio com cerca de um ano e meio que conta, actualmente, com cerca de 2600 membros.

Os dados da base de dados do Clube de Leituras representam o retrato dos membros inscritos desde que o sítio existe e serviram para elaborar uma caracterização sócio-demográfica. Importa, neste ponto, referir, que os participantes do sítio não registados como membros foram excluídos do campo da análise por não se possuir dados sobre os mesmos. A base de dados do Clube de Leituras permitiu, deste modo, saber dados relativos aos membros que se incluem no perfil que preenchem aquando da sua inscrição no sítio. Foi, igualmente, possível obter indicadores sobre os conteúdos do sítio consultados.

2.1.1 Inquérito aos membros do Clube de Leituras

Para completar a recolha de dados foi, ainda, aplicado um inquérito auto-administrado, enviado por e-mail, aos membros do Clube de Leituras. Sobre os inquéritos auto-administrados, Moreira refere que "a principal vantagem deste tipo de questionários assenta no facto de permitir a abordagem de grandes populações a custos relativamente baixos, na medida em que não são utilizadas equipas de entrevistadores e é indispensável pré-codificação e posterior computorização aceleram consideravelmente a exploração e análise dos dados. Por outro lado é também vantajoso para os inquiridos poderem responder ao questionário na altura em que lhes seja mais conveniente. E, claro, enviesamento do entrevistador deixa praticamente de se colocar." (Moreira, 1994). Já sobre as desvantagens, Moreira fala na possibilidade de uma baixa percentagem de respostas e o facto de mesmo quando os inquiridos preenchem os questionários as suas respostas serem como frequência incompletas, ilegíveis ou incompreensíveis (Moreira, 1994). No caso do inquérito utilizado, o facto de ter sido concebido através do programa *Google Docs* teve como principal vantagem os dados virem já tratados.

Como unidade de observação do inquérito, optou-se por abordar o universo total dos membros do Clube de Leituras que, na data do envio do inquérito, era de 2255 membros. Os dados foram recolhidos entre 20 de Abril e 5 de Maio de 2009, tendo sido obtido um total de 339 indivíduos que responderam ao inquérito, ou seja uma taxa de resposta de 15,03%. Trata-se de uma amostra não probabilística e acidental, na medida em que os indivíduos inquiridos não foram escolhidos segundo critérios específicos e as suas respostas ao inquérito foram aparecendo de forma aleatória. A análise de resultados não permite, por conseguinte, que se proceda a generalizações sobre o universo total de membros.

No que se refere à construção do inquérito, teve-se o cuidado de ter em conta a hipótese de estudo, conceitos e indicadores de pesquisa da investigação. Sobre este ponto, Moreira refere que "Não basta que as perguntas revelem informação interessante: os dados *devem* relacionar-se directamente com o estudo." (Moreira, 1994). A construção do inquérito foi, neste sentido, elaborada com o intuito de responder às questões da investigação. Procurou-se estudar os seguintes pontos de análise:

- Caracterização sócio-demográfica dos membros do Clube de Leituras
- Hábitos de utilização da Internet
- Avaliação do Clube de Leituras por áreas temáticas

Quanto à tipologia de informação passível de ser obtida no inquérito, Moreira enuncia quatro categorias principais: os atributos, os comportamentos, as atitudes e as crenças (Moreira, 1994). Considera-se que recolhemos, objectivamente, dois tipos de informação no presente inquérito. As perguntas sobre os atributos forneceram-nos indicadores estatísticos sobre características sócio-demográficas dos membros inquiridos do Clube de Leituras tais como sexo, idade, ocupação. As restantes perguntas visaram, essencialmente, obter dados sobre comportamentos dos membros do Clube de Leituras no que se refere ao uso que estes dão ao sítio.

No que se relaciona com a elaboração de perguntas, optou-se, com excepção feita à pergunta sobre a idade que constitui uma pergunta aberta, por perguntas pré-codificadas. As perguntas pré-codificadas incluem uma lista de opções de respostas, cabendo ao inquirido escolher as respostas que considera mais correctas. Há, no entanto, que ter em atenção como refere Moreira que "Quando se envereda por este tipo de perguntas, deve-se assegurar que as opções são exclusivas e exaustivas." (Moreira, 1994). Uma debilidade das perguntas do questionário que pode ter afectado a qualidade

da informação recolhida relaciona-se com o facto de as perguntas fazerem, muitas das vezes, apelo à memória dos inquiridos. Segundo Moreira, as perguntas de memória podem, levantar dificuldades especiais na medida em que como refere o autor "a capacidade de recordar é afectada não só pela memória do indivíduo inquirido mas também pela quantidade de tempo decorrido após o acontecimento e, em particular, pela própria relevância do acontecimento para o indivíduo." (Moreira, 1994).

A análise das informações tratou de proceder à verificação empírica das hipóteses. A realidade observada pode, no entanto, revelar outros factos além dos esperados pelos pressupostos apriorísticos da hipótese de estudo. Assim, é na confrontação entre a hipótese e a análise das informações que a investigação conhece alterações que são determinantes na elaboração das conclusões.

Nas conclusões foi possível confirmar e/ou refutar alguns pontos de análise da hipótese de partida. Alguns dados do inquérito permitiram descobrir que o sítio conhece áreas com uma participação reduzida. Confirmou-se, no entanto, que o sítio promove uma linguagem multimédia própria da literacia digital.

Capítulo IV - Estudo de Caso: O Clube de Leituras

Actualmente com cerca de 2600 membros e 700 blogues, o Clube de Leituras tem-se vindo a assumir como um espaço informal de discussão cultural que vive em parte da participação dos seus membros. Neste capítulo iremos proceder a uma definição do Clube de Leituras e explicar o seu modo de funcionamento.

3.1 Sobre o Clube de Leituras

A definição mais precisa sobre o conceito Clube de Leituras aparece na secção do sítio “Sobre o Clube Leitura” (Plano Nacional de Leitura, 2007):

“Integrado nas múltiplas acções do Plano Nacional de Leitura, o Clube de Leituras é um espaço dinamizador de iniciativas relacionadas com as práticas culturais, que se assume como um agregado de blogues realizados por uma comunidade interessada em partilhar o prazer pelas leituras e escritas em todos os tipos de suporte, desde a escrita tradicional à fotografia, ao vídeo, infografia e à sonoplastia.

- Clube de Leituras é uma iniciativa Web 2.0, estruturada pela agregação de um número considerável de projectos individuais partilhados, entretecidos numa teia dinâmica de ligações e RSS.
- O Clube visa criar um espaço comunitário na Internet, que se situa para lá do conceito tradicional de lugar da publicação na rede, entendido como mero repositório de trabalhos.
- O Clube é um lugar de partilhas, de troca de experiências, agregador de todos quantos promovem e usufruem do prazer de ler e estão interessados em alargar o seu ciclo de amigos e conhecidos.”

Da definição do conceito, podemos retirar várias conclusões. A primeira é que o Clube de Leituras se assume como uma comunidade de prática, uma rede social relacionada com a cultura onde se podem conhecer indivíduos com interesses semelhantes e constituir grupos.

Percebemos, depois, que o clube é um agregador de conteúdos alimentado pelos utilizadores da plataforma, formado por dois tipos de comunidades.

Uma comunidade formal, constituída por uma equipa de redacção de conteúdos que funciona como uma fonte terciária de informação que agrega e produz conteúdos tais como notícias de diários online, livros electrónicos, citações e uma videoteca. Existe, depois, uma comunidade informal de utilizadores criadores de conteúdos que alimenta o

sítio através de *posts* em blogues, citações e livros electrónicos. A redacção dos conteúdos em blogues, como vem referido na definição, vai desde a escrita tradicional à escrita combinada com imagens, sons e vídeos. Finalmente, é de referir os utilizadores que não produzindo informação participam, visitando mais ou menos assiduamente nas diversas secções que compõem o Clube de Leituras.

3.2 Processo de Inscrição na Rede Social e Área Pessoal

Os sítios em modelo de Web participativa implicam, regra geral, que o utilizador crie um registo com um perfil que lhe permitirá participar nas actividades e criar conteúdos no sítio.

Para fazer parte da rede social da comunidade de membros do Clube de Leituras, o utilizador tem que preencher uma ficha de inscrição composta por duas etapas que irão definir o seu perfil. Uma, onde indica dados gerais tais como o apelido, nome, alcunha por que quer ser conhecido e avatar; e outra onde define os seus interesses culturais na área da Literatura, Música e Cinema.



Figura 4 – Área Pessoal dos Membros do Clube de Leituras

Uma vez registado, o membro recebe um e-mail de confirmação que lhe permite fazer o *login* e aceder à sua área pessoal. A área pessoal, como podemos ver na figura 4, é composta pelos seguintes itens:

- **Editar Perfil:** Esta função permite ao membro editar de novo o seu perfil
- **Mensagens:** Esta função funciona como uma caixa de correio que possibilita aos membros trocarem mensagens entre si.
- **Armazém Multimédia:** O armazém multimédia é um espaço de 1 GB onde o membro guarda sons, imagens e vídeos.

- O meu blogue: É aqui que o membro pode publicar no blogue com novas entradas, gerir os comentários, seleccionar ligações favoritas e definir o seu design.
- Os meus contactos: É através desta funcionalidade que o membro pode criar a sua rede de contactos.
- Os meus grupos: O membro do Clube de Leituras pode, igualmente, criar grupos onde se liga com outros membros.

3.3 Escrita em hipermédia nos Blogues e nos Salões

No conjunto das aplicações utilizadas na Web participativa, os blogues e a blogosfera aparecem como o território por excelência da inteligência colectiva. Apesar de terem surgido em 1997, em pouco anos os blogues conheceram uma difusão rápida na Internet, impondo-se como um novo modelo de comunicação *self-media* que não requer competências técnicas e permite a qualquer um publicar informação de um modo autónomo. Interessante a afirmação de Tim O'Reilly quando se refere aos blogues que compõem a Internet como uma conversação permanente que podemos comparar ao lóbulo pré-frontal do cérebro ou a uma voz colectiva que todos ouvimos (O'Reilly, 2005).

De ponto de vista comunicacional, os blogues permitem uma comunicação bidireccional e hipermédia. Bidireccional, na medida em que é possível a interacção entre os produtores que escrevem nos blogues e os consumidores que podem inserir comentários aos *posts* publicados. O tipo de comunicação é considerado hipermédia, na medida em que é possível combinar texto com som, imagem e vídeo numa mesma linha de tempo.

De ponto de vista da organização de informação, um blogue estrutura-se como um diário de uma ou várias pessoas, composto por *posts* relativos a um assunto que podem ser a combinação de textos com imagens, sons ou vídeos. Os *posts* são ordenados cronologicamente e são depois indexados a um arquivo. Para possibilitar a interacção com o leitor, este pode inserir comentários que surgem, em regra, no seguimento dos *posts*.

No Clube de Leituras, a plataforma de blogues apresenta características similares a outros modelos de blogues. A temática dos conteúdos dos blogues surge, no entanto, relacionada sobretudo com literatura. Embora não possam ser equiparados ao *Blogger* ou ao *Wordpress* de ponto de vista da sua complexidade tecnológica, os blogues do Clube de Leituras são constituídos por entradas (termo português designado para *posts*) que permitem a inserção de texto, som, imagem ou vídeo através de um editor de *HTML*. As entradas são descritas através dos campos título, corpo, palavras-chave e salão.

Os salões correspondem à seguinte metáfora. Um membro possui uma divisão, um quarto que é o seu blogue onde redige os seus *posts* que são publicados nos salões literários do Clube de Leituras. Os salões são o espaço de participação e comunicação do membro. Subdividem-se em salão de narrativas, salão de poesia, salão de teatro e salão de Ciência.

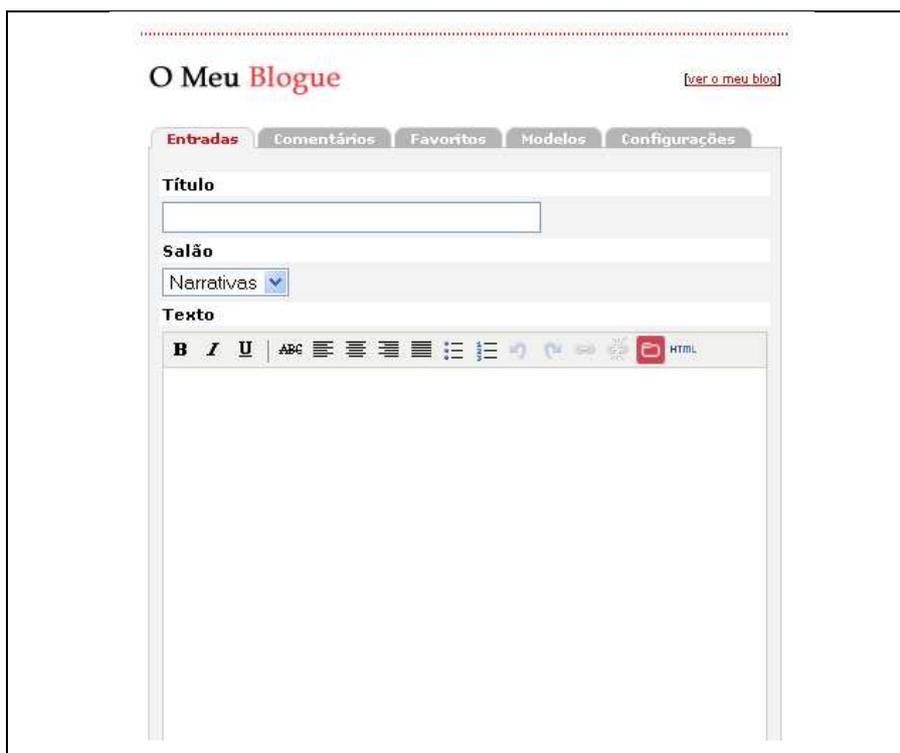


Figura 5 – Local onde o Membro publica a Entrada no Salão Literário

Significa isto que, por cada vez que um membro publica um texto no seu blogue, este tem que ser publicado e encaminhado para um dos salões. Quando uma entrada é publicada, como podemos ver na figura 5, esta surge referenciada na página do

respectivo salão nos últimos textos publicados, podendo assim ser consultado no espaço colectivo do sítio

3.4 Catalogação de Ficheiros no Armazém Multimédia

A publicação dos blogues em modelo hipermédia não seria, contudo, possível sem outra secção do Clube de Leituras. Na redacção de um *post*, o membro do Clube de Leituras pode inserir, através do editor de HTML do blogue, sons, imagens e vídeos do armazém multimédia.

O armazém multimédia consiste num serviço que permite albergar 1 GB de memória e que serve de repositório de objectos multimédia dos membros. Este tipo de aplicação é designado no contexto da Web participativa como sendo um *file hosting service*, *online file storage device* ou *online media* e insere-se dentro dos serviços de *Internet hosting service*. Permite ao utilizador guardar ficheiros *online* a que pode aceder remotamente a partir de qualquer lugar.

No armazém multimédia do Clube de Leituras, por cada vez que um membro insere um objecto é-lhe exigido um exercício de catalogação onde indica os seguintes campos:

- Título
- Descrição
- Palavras-chave
- Tipo de comunicação

É-lhe também exigido que indique que tipo de licença *Creative Commons* escolhe. Ou seja, se o licenciante permite que os outros copiem, distribuam, exibam e executem apenas cópias inalteradas do trabalho ou derivações do trabalho, desde que o utilizador dê crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante. Em relação à licença *Creative Commons* foi determinado, à partida, que os conteúdos do sítio seriam publicados segundo a licença *Creative Commons 2.5 Portugal* que permite ao utilizador copiar distribuir, executar a obra e criar obras derivadas, desde que o utilizador dê crédito ao autor original.

3.5 Agregador de Conteúdos em tecnologia RSS

O RSS, acrónimo para *Reach Site Summary* ou *Really Simple Syndication*, é um padrão definido pela W3C que tem por função agregar conteúdo na Internet.

A tecnologia *RSS* foi criada em 1997, a partir da tecnologia de Dave Winer's de *Really Simple Syndication*, usada para actualizar a informação nos *blogs* e da tecnologia *Reach Site Summary* que permitia aos utilizadores da *Netscape* alterar o fluxo de informação das páginas iniciais dos seus sítios. A *Netscape* perdeu o interesse pela ideia que viria, em definitivo, a ser adoptada por Dave Winer's na sua empresa pioneira de *blogs*, a *Userland* (O'Reilly, 2005). Foi com base nestes dois modelos que surgiram, posteriormente, outras versões dos RSS, como o *Simple Sharing Extensions* da Microsoft, que visaram aperfeiçoar ou criar uma alternativa semelhante à tecnologia original.

O que mudou com a introdução dos *RSS* no modo como se pesquisa e se troca informação na Internet?

À luz da teoria sobre as fontes de informação, os *RSS* podem ser considerados uma fonte terciária, na medida em que são um serviço personalizado de informação e comunicação que permite o acesso a um resumo descritivo com cabeçalho, anotação e ligação para outras fontes de informação. Os *RSS* possibilitam, também, uma alternativa ao *e-mail*, motores de pesquisa e directórios porque possibilitam uma mediação entre o produtor de informação que pretende emitir o seu conteúdo e o receptor que mostra interesse em consultar esse mesmo conteúdo.

Os *RSS* contêm metainformação escrita em *XML* que serve para dar conta de alterações que ocorram em determinado sítio, blogue, *podcast* ou *vidcast*. No conjunto das aplicações que formam o modelo da *Web 2.0*, Tim O'Reilly considera os *RSS* uma tecnologia revolucionária de programação simples que permite que possamos subscrever a informação e de nos mantermos a par das actualizações de determinado conteúdo, sem termos que recorrer aos *browsers* ou ao *e-mail*. Para o autor, os *RSS* permitem uma comunicação livre de ponto-a-ponto e que se enquadra dentro dos princípios da doutrina da *Web 2.0*, *Think syndication, not coordination* (O'Reilly, 2005).



Figura 6 - RSS's do Clube de Leituras

No Clube de Leituras, como podemos ver na figura 6, existe um RSS geral para actualizar o conteúdo de todo o sítio, assim como RSS's que assinalam alterações ao nível das notícias, salões, E-livros e videoclube.

3.6 Folksonomy: Taxonomias populares em citações, blogues e vídeos

Outro elemento que faz do Clube de Leituras um sítio de Web participativa é a pesquisa por palavras-chave que percorre secções do sítio como os blogues da área de membros, as citações ou o videoclube.

A *Folksonomy*, neologismo da Web Participativa, é a prática colaborativa dos utilizadores de um sítio descreverem e categorizarem o conteúdo de um *URL* – um *post* ou um objecto multimédia - através de palavras-chave (etiquetas ou *tags* em inglês). O termo *Folksonomy* foi proposto por Thomas Vander Wal que nos explica que, desde as décadas de 80 e 90, se usa a descrição de conteúdos por etiquetas para descrever objectos nas livrarias da *Compuserve*. A adopção do termo aconteceu em Julho de 2004, quando o *Information Architecture Institute* anunciou que se tinha apercebido que em sítios como o *Flickr* ou *Del.icio.us* começava a aparecer um novo modelo de catalogar e trocar informação e que era necessário arranjar um termo que designasse esta classificação informal e social. Passado um dia de Eric Scheid do *Ironclad Information Architecture* atribuir o termo *folk classification* (taxonomia popular), Thomas Vander Wal cunha o vocábulo *Folksonomy* que justifica por sempre ter sido apreciador do termo popular, mesmo sabendo que estava a fundir dois termos com origens germânica e grega (Vander Wal, 2007).

O vocabulário das palavras-chave pode ser introduzido livremente, dando origem a um enriquecimento linguístico com sinónimos de palavras com o mesmo significado. Ao invés, o vocabulário pode ser controlado, para que não aconteça uma adulteração da língua. Depois de inseridas em *BackOffice*, as palavras-chave aparecem clicáveis no *FrontOffice*. Nalguns casos, as palavras-chave aparecem numa tabela ou numa *div* e o seu tamanho aumenta e diminui consoante a importância que os membros lhe atribuem. A *Folksonomy* funciona, deste modo, um pouco como um sistema de cotação de palavras em que é determinado o valor de um campo semântico.

No Clube de Leituras, o membro pode inserir palavras-chave nas entradas do seu blogue e nas citações que envia. A pesquisa por palavras-chave pode ser encontrada nos blogues, citações e vídeo. Se, por exemplo, na secção do Videoclube clicarmos na palavra-chave “leitura”, encontramos vídeos que possuem essa palavra-chave e que têm uma relação semântica com esse conteúdo. O mesmo se sucede na secção de citações onde, para cada citação de um autor está associada uma série de palavras-chave. Para a citação de Cervantes “A pobreza jamais foi desfeita com o ócio ou com a preguiça” foram atribuídas as palavras-chave pobreza, ócio, preguiça. Se o utilizador clicar em pobreza, ser-lhe-ão retornadas citações com a palavra-chave pobreza, entre as quais a citação de Leon Tolstoi “Os ricos fazem tudo pelos pobres, excepto descer das suas costas” que inclui a palavra-chave pobreza.

3.7 Emergência de uma Biblioteca Digital de Domínio Público

Ausente do licenciamento *Creative Commons 2.5 Portugal* está a secção E-livros que inclui uma biblioteca digital de domínio público. A biblioteca é composta por livros electrónicos do domínio público recolhidos em diversas fontes de informação tais como o Projecto Gutenberg ou o sítio Ateus.net. No direito de autor sobre a propriedade intelectual português, são consideradas, ao fim de 70 anos da morte do autor, obras do domínio público o “...conjunto de bens culturais, de tecnologia ou de informação - livros, artigos, obras musicais, invenções e outros - cujos direitos económicos não são de exclusividade de nenhum indivíduo ou entidade. Tais bens são de livre uso de todos,

eis que integrando a herança cultural da humanidade” (Wikipédia, A enciclopédia livre, 2008)

Quanto ao seu formato, os livros electrónicos disponibilizados podem ser descarregados e enviados nos formatos *ODT, PDF, DOC, TXT, HTML* e *RTF*. Sobre a discussão do conceito de livro electrónico, importa sublinhar que os livros electrónicos do Clube de Leituras são réplicas em formato digital de um livro tradicional que podem ser impressas. Actualmente, existem já forma de leitura de livros electrónicos que na sua interacção podem ser complementadas com características do hipertexto ou hipermédia. Assistimos, recentemente, à implementação de inovações que permitem que um livro electrónico possa incluir hiperligações, imagens, sons ou vídeos, bem como a possibilidade do leitor incluir anotações à medida que vai lendo o livro. Quanto aos dispositivos tecnológicos que possibilitam a leitura de livros electrónicos, vão desde o computador pessoal, telefones de última geração e aos *e-readers*.

Ao nível da organização de informação, a secção E-livros apresenta o livro mais descarregado, o livro sorteado e a escolha da Virgulina que corresponde à escolha da equipa de conteúdos do Clube de Leituras. Os livros electrónicos estão classificados de acordo com a *Dewey Decimal Classification* e podem ser pesquisados de forma simples, avançada ou por autor. Os membros do Clube de Leituras podem, igualmente, enviar livros electrónicos que são ou não aceites pela equipa de conteúdos do Clube de Leituras.

3.8 Videoclube: O Repositório de Vídeos do Clube de Leituras

A evolução de conteúdos de vídeo na Internet deve-se, essencialmente, a dois factores. A penetração cada vez maior de banda larga que, segundo dados da OCDE de 2007, aponta em Portugal para uma taxa de penetração da banda larga de 14,4 acessos por 100 habitantes, o que corresponde à 24ª posição do *ranking* de 30 países da OCDE (ANACOM, 2008). Ao possuírem ligações mais rápidas, outrora mais lentas com as ligações por *Dial-up*, é possível para os utilizadores visionarem conteúdos multimédia mais ricos, via *streaming*, através da distribuição de pacotes de dados. Por outro lado, a criação de *codecs* de vídeo para a Web como o *Sorenson Spark* ou o *ON2 VP6* do

formato *FLV*, o mais adoptado ao nível de plataformas como o *You Tube* ou o *Vimeo*, permitiram uma codificação de vídeo com uma qualidade razoável.

No caso do Videoclube do Clube, este constitui um repositório de vídeos que possui funções de vídeo interactivo. Embora não se possa considerar um sistema de *IPTV* ou de Internet Televisiva, o Videoclube assume-se como uma videoteca de divulgação de conteúdos relacionados com o Plano Nacional de Leitura.

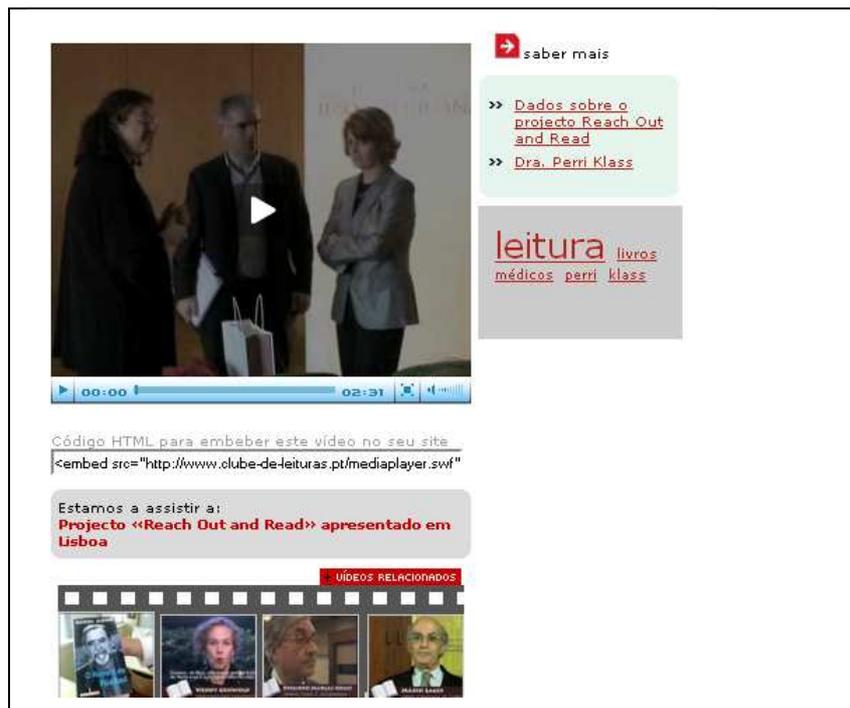


Figura 7 – Vídeo do Clube de Leitura e Funcionalidades associadas

Cada vídeo apresentado no Clube de Leituras possui uma série de funções interactivas. Como se pode ver na figura 7, cada vídeo que se encontra a ser visionado possui as seguintes funcionalidades:

- **Saber mais:** É uma série de hiperligações que complementam o visionamento do vídeo e estão relacionadas com o seu conteúdo.
- **Nuvem de tags ou tagcloud:** É um conjunto de palavras-chave sobre vídeo que permitem pesquisar outros vídeos.
- **Código HTML para embeber o vídeo noutra sítio:** Esta função permite que o utilizador insira o vídeo noutra local da Web como o seu blogue, sítio, etc...
- **Vídeos relacionados:** Esta função relaciona, por via das palavras-chave, o vídeo que se encontra a ser visionado com outros vídeos do repositório.



Figura 8 – Vídeo do Clube de Leituras e Descritores associados

Ao nível da organização de informação os vídeos encontram-se classificados pelas categorias de entrevistas, depoimentos, reportagens e vários. Cada vídeo listado numa das categorias da classificação possui, como se pode ver na figura 8, os seguintes descritores:

- Imagem descritiva do vídeo
- Título do vídeo
- Data em que o vídeo foi publicado
- Número de acessos
- Resumo descritivo do vídeo
- Palavras-chave (Permite a pesquisa de outros vídeos com as mesmas palavras-chave)

3.9 Secção de Citações

O espaço de Citações do Clube de Leituras visa apresentar um conjunto de frases célebres de escritores da cultura nacional e internacional. As citações podem ser consultadas por autor ou por palavra-chave. É ainda possível consultar uma ficha para cada autor que inclui uma pequena biografia, as citações e livros electrónicos de cada autor. Os utilizadores do Clube de Leituras podem também enviar citações de autores da sua preferência que são revistas pela equipa de conteúdos do Clube de Leituras.

Para submeter citações, o utilizador tem que preencher os seguintes campos:

- Citação: Texto com citação de um autor
- Autor (es): Deve ser indicado o Nome e Apelido do(s) Autore(s)
- Fonte: Deve ser indicada a fonte de onde foi retirada a citação

- URL: Deve ser indicado o endereço da fonte
- Palavras-Chave sugeridas: Palavras-Chave que já existem no registo da base de dados e que correspondem a um vocabulário controlado.
- Palavras-Chave: Palavras-Chave escolhidas pelo utilizador

3.10 Saberes em rede

Os Saberes em Rede do Clube de Leituras são um conjunto de redes semânticas de conceitos sobre autores da cultura nacional e internacional.

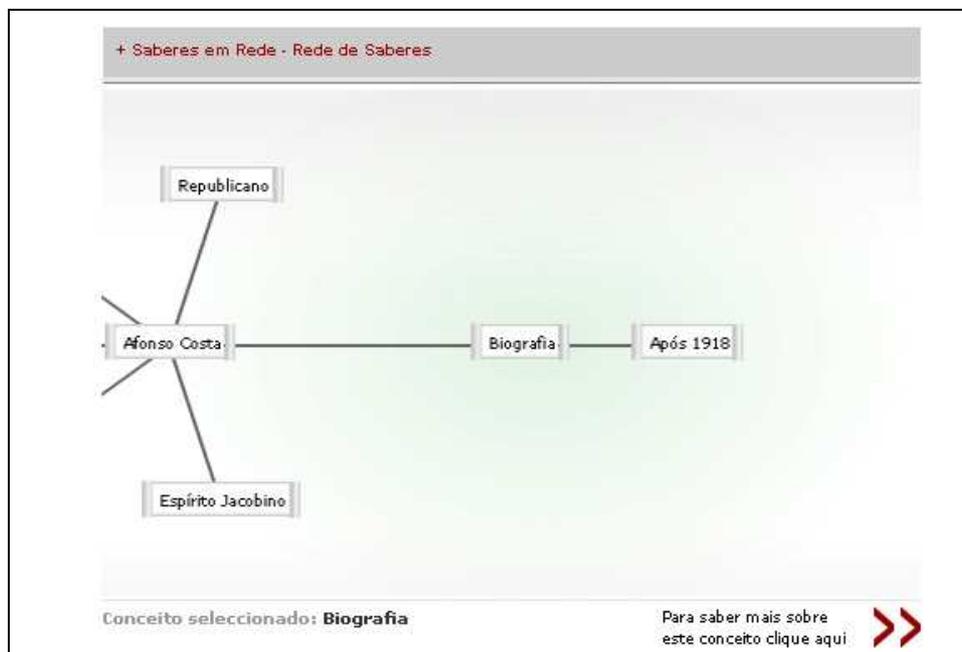


Figura 9 – Origem dos Visitantes por País/Território

Cada rede é composta, como se pode ver na figura 9, por um conjunto de ramificações e subramificações que organizam o pensamento por forma de uma metáfora visual e que fazem a ligações para hipertextos. A pesquisa de redes pode ser feita por autor. Existe, também, uma rede única de saberes que se ramifica numa classificação (Teatro, Narrativa, Dança, Política, Poesia, Música, Ciência) e que agrega a totalidade das hiperligações das redes de autores.

3.11 Secção de Notícias

A secção de Notícias do Clube de Leituras é um agregador de notícias, um espaço de informação que inclui notícias sobre poesia, narrativas, teatro e ciência. As notícias são recolhidas, manualmente, pela equipa de conteúdos do Clube de Leituras em várias fontes de informação dos meios de comunicação social. São, igualmente, divulgados eventos ocorridos no Clube de Leituras.

As notícias dos media subdividem-se em:

- Lançamentos
- Entrevistas
- Críticas
- Reportagens
- Estatísticas
- Outros

Os eventos do clube subdividem-se em:

- Entrevistas
- Reportagens
- Conferências
- Debates

Capítulo V - Trabalho de Campo: Análises dos resultados

O trabalho de campo e análise dos resultados aqui apresentados visam proceder a uma descrição dos membros e utilizadores do Clube de Leituras a vários níveis. Iremos, primeiro, iniciar o capítulo com uma caracterização sócio-demográfica dos membros do Clube de Leituras. Será, depois, efectuada uma análise da proveniência geográfica dos visitantes do sítio. Para caracterizar os membros inquiridos do Clube de Leituras a nível de hábitos de utilização da Internet foi elaborado um conjunto de questões, tais como o tempo de frequência da Internet ou local onde utilizam a Internet. Por último, iremos avaliar de que forma os membros inquiridos do Clube de Leituras utilizam o sítio nas suas diversas secções.

4.1 Caracterização Sócio-demográfica dos membros do Clube de Leituras

No que diz respeito à distribuição baseada no sexo, a população dos membros do Clube de Leituras é constituída maioritariamente por membros do sexo feminino – 60%, sendo os membros do sexo masculino 40%. (ver gráfico 1). Se compararmos com a amostra do universo de membros inquirido, verificamos que existe, no entanto, um maior número de indivíduos do sexo feminino, 76%, contra 24% do sexo masculino (ver gráfico 2). Saliente-se a elevada percentagem em ambos os universos de população feminina, facto que não costuma ser comum nestas áreas tecnológicas.

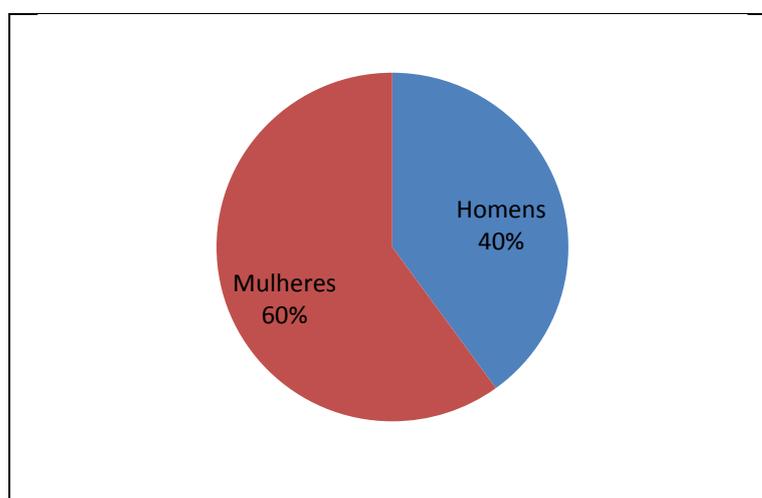


Gráfico 1- Membros do Clube de Leituras por Sexo

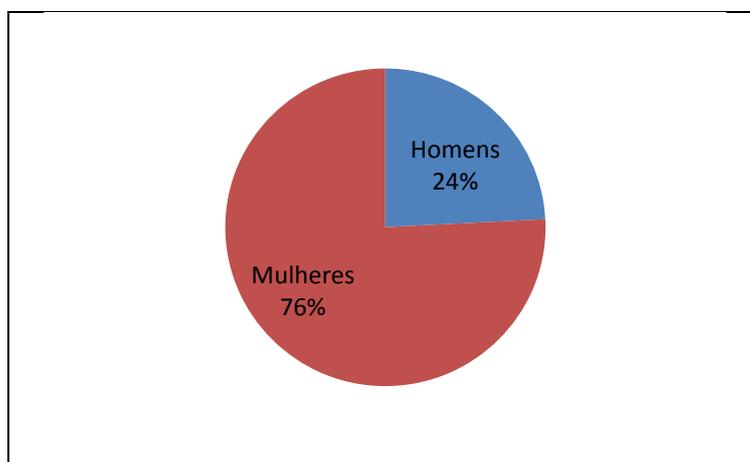


Gráfico 2 – Membros inquiridos do Clube de Leituras por Sexo

Classe Etária	Nº	%
5-9	23	1,2%
10-14	311	15,9%
15-19	385	19,7%
20-24	96	4,9%
25-29	117	6,0%
30-34	162	8,3%
35-39	198	10,1%
40-44	218	11,1%
45-49	207	10,6%
50-54	105	5,4%
55-59	78	4,0%
60-64	34	1,7%
65-69	15	0,8%
70-74	4	0,2%
75-79	1	0,1%
80-84	2	0,1%

Quadro 2 - Membros do Clube de Leituras por Classe Etária

No que diz respeito à idade, observa-se uma maior concentração na classe etária dos 15-19 com 19,7% e na classe dos 10-14 com 15,9%. As classes etárias dos 40-44 e 45-49 são as que registam, depois, valores mais elevados com 11,1% e 10,6% respectivamente (ver quadro 2).

Classe Etária	Nº	%
10-14	35	11,6%
15-19	48	15,9%
20-24	12	4,0%
25-29	20	6,6%
30-34	19	6,3%
35-39	31	10,3%
40-44	54	17,9%
45-49	43	14,2%
50-54	16	5,3%
55-59	14	4,6%
60-64	7	2,3%
65-69	2	0,7%
70-74	1	0,3%
Total	302	100,0%

Quadro 3 - Membros Inquiridos do Clube de Leituras por Classe Etária

Se compararmos com o total de membros inquiridos que referiu a idade, 302, verificamos que a amostra de membros regista um maior número de indivíduos na classe etária dos 40-44 com 17,9%, seguido da classe etária dos 15-19 com 15,9% e dos 45-49 com 14,2% (ver quadro 3). Talvez pelo inquérito ser menos apelativo para a geração dos mais novos, se tenha observado uma contradição entre o universo real de membros do Clube e o universo inquirido. Todavia, é interessante constatar no universo da população inquirida que a soma dos grupos etários de adultos compreendida entre os 35 e os 49 anos representa 42,4% do total, enquanto no universo total de membros representa um total de 31,8%.

No que se refere à ocupação, pelo facto da amostra registar percentagens elevadas de adultos, observam-se 46% de indivíduos pertencentes à categoria de especialidades das profissões intelectuais e científicas (ver quadro 4). A segunda maior percentagem ocorre na categoria de estudantes com 32%. Seguem-se-lhe os dirigentes e quadros superiores de empresas, 9%, técnicos e profissionais de nível intermédio, 5% e pessoal administrativo e similares, 4%. De algum modo, se o total da população estudantil, 32%, pode ser considerado como um valor expectável, já o mesmo não sucede com o segmento das profissões intelectuais e científicas, 46%, que excede em muito o total das outras ocupações. Sem querer entrar em interpretações, que neste contexto podem ser consideradas excessivas, parece-nos que a categoria profissional dos docentes do ensino secundário poderá integrar uma parte muito significativa deste valor percentual.

Dirigentes e quadros superiores de empresas	29	9%
Especialidades das profissões intelectuais e científicas	157	46%
Técnicos e profissionais de nível intermédio	17	5%
Pessoal administrativo e similares	13	4%
Pessoal dos serviços e vendedores	3	1%
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pesca	2	1%
Operários, artífices e trabalhadores similares	0	0%
Operários de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem	0	0%
Pessoal das forças armadas	0	0%
Pessoal das forças policiais	0	0%
Trabalhadores não-qualificados	0	0%
Reformado	6	2%
Doméstica(o)	3	1%
Estudante	109	32%

Quadro 4 - Membros do Clube de Leituras Inquiridos por Ocupação

4.2 Origem Geográfica dos Visitantes do Clube de Leituras

A origem geográfica dos visitantes do Clube de Leituras é um indicador do *Google Analytics* que registou a origem por país e localidade de todos os visitantes do Clube de Leituras entre 5 de Novembro de 2007 e 1 de Setembro de 2009. Não se trata, por isso, de um dado proveniente do universo total de membros ou da amostragem de membros inquiridos.

4.2.1 Origem dos Visitantes por País/Território

No que se refere aos 10 países com maior número de visitas, Portugal ocupa o primeiro lugar com 68,13% de visitantes (ver quadro 5). Segue-se-lhe o Brasil com 27,98%, o que demonstra alguma lusofonia do Clube de Leituras. É possível, aliás, conhecer alguns blogues elaborados por indivíduos provenientes do Brasil. Os restantes países possuem uma taxa marginal, entre os 0,23% e os 0,53%, mas identificam territórios onde habitam emigrantes portugueses.



Figura 10 – Origem dos Visitantes por País/Território

País/território	Visitas	%
Portugal	75225	68,13%
Brasil	30898	27,98%
Estados Unidos da América	590	0,53%
Espanha	507	0,46%
França	383	0,35%
Reino-Unido	326	0,30%
Alemanha	291	0,26%
Angola	252	0,23%
Itália	241	0,22%
(not set)	174	0,16%

Quadro 5 - Origem dos Visitantes por País/Território

4.2.2 Origem dos visitantes por Localidade a Nível Mundial

No que se refere às localidades a nível mundial, verifica-se um predomínio de localidades em Portugal. Convém, no entanto, referir a presença de São Paulo e Rio de Janeiro, cidades com 11 milhões e 6 milhões de habitantes, respectivamente, e que ocupam o 6º e 8º lugar de localidades com o maior número de visitas a nível mundial (ver quadro 6).



Figura 11 – Origem dos Visitantes por Localidade a Nível Mundial

Localidade	Visitas	%
Lisboa	22275	20,17%
Sacavém	5063	4,59%
Porto	4970	4,50%
Gondomar	3999	3,62%
São Paulo	3832	3,47%
(not set)	3132	2,84%
Aveiro	2828	2,56%
Rio de Janeiro	2736	2,48%
Coimbra	2375	2,15%
Amadora	2021	1,83%

Quadro 6 - Origem dos Visitantes por Localidade a Nível Mundial

4.2.3 Origem dos visitantes por Localidade em Portugal

O mapa de Portugal a nível de localidades traduz as assimetrias entre litoral e interior do país (ver figura 12). Observa-se uma maior concentração de localidades nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, o que expressa uma país macrocéfalo. O distrito de Lisboa aparece em primeiro lugar com 20,17%, seguindo-se-lhe Sacavém que pertence ainda à área metropolitana de Lisboa com 4,59% e a Amadora que recolhe 1,83% de visitas (ver quadro 7). No distrito do Porto, as cidades de Porto e Gondomar registam 4,59% e 3,62% das visitas. O distrito de Aveiro soma perto de 4% das visitas

com a cidade de Aveiro a registar 2,56% e São João da Madeira 1,12%. Viseu e Braga surgem como as únicas capitais do Interior mais visitadas com 1,65% e 1,37% das visitas, respectivamente. De salientar que o fenómeno de desertificação do interior, também neste mapa é particularmente evidente.

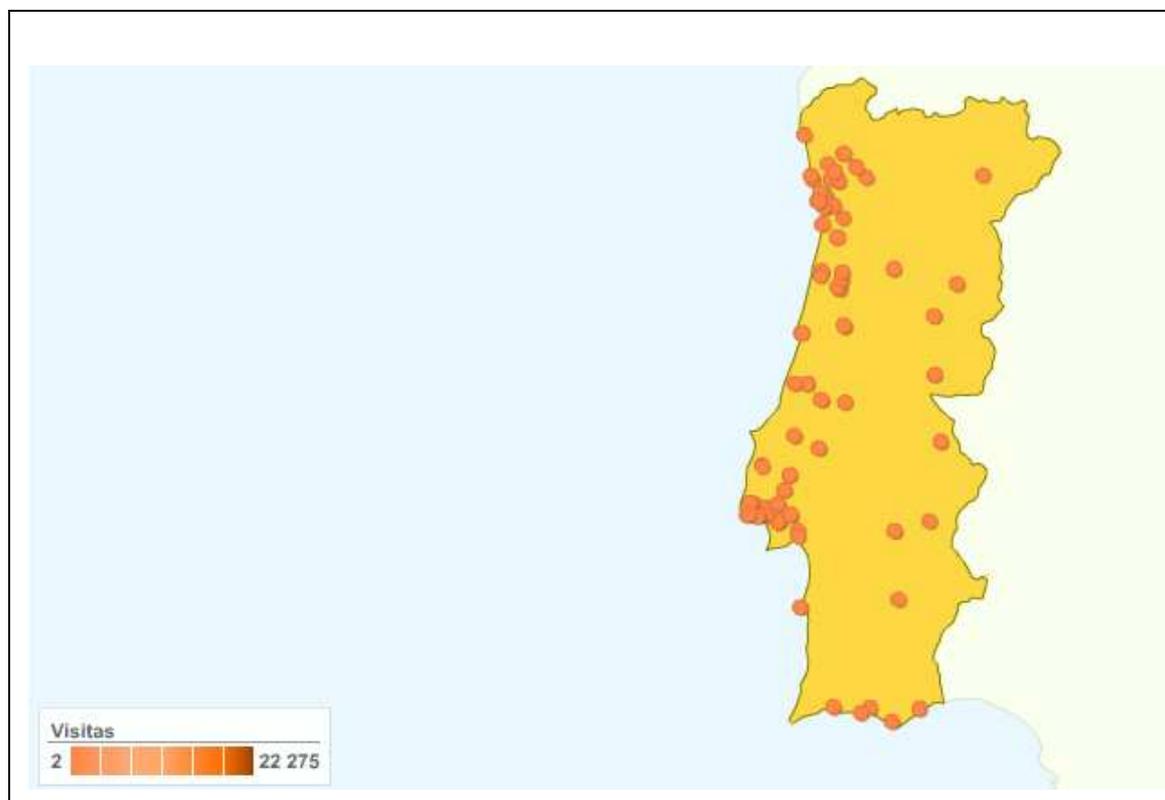


Figura 12 – Origem dos Visitantes por Localidade em Portugal

Localidade	Visitas	%
Lisboa	22275	20,17%
Sacavém	5063	4,59%
Porto	4970	4,50%
Gondomar	3999	3,62%
Aveiro	2828	2,56%
Coimbra	2375	2,15%
Amadora	2021	1,83%
Viseu	1819	1,65%
Braga	1510	1,37%
São João da Madeira	1239	1,12%

Quadro 7 - Origem dos Visitantes por Localidade em Portugal

4.3 Hábitos de utilização da Internet dos Membros do Clube de Leituras

Questionou-se, igualmente, os membros inquiridos do Clube de Leituras sobre há quanto tempo utilizavam a Internet. Verificou-se que a esmagadora maioria, 96%, utilizam a Internet há mais de 1 ano (ver gráfico 3). Apenas 2% utilizam entre 6 meses e 1 ano. E outros 2% há menos de 6 meses.

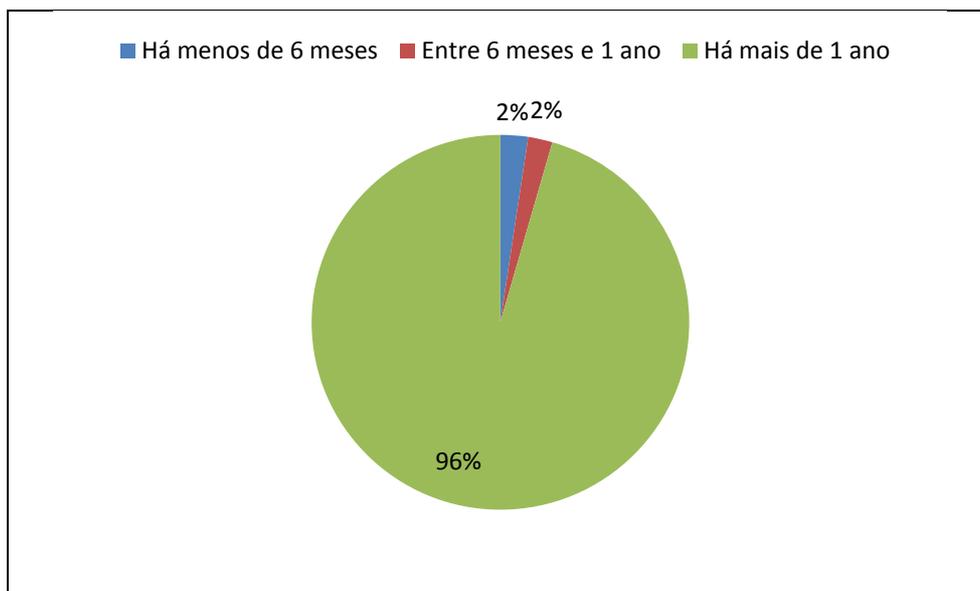


Gráfico 3 – Tempo de Posse de Internet pelos Membros Inquiridos do Clube de Leituras

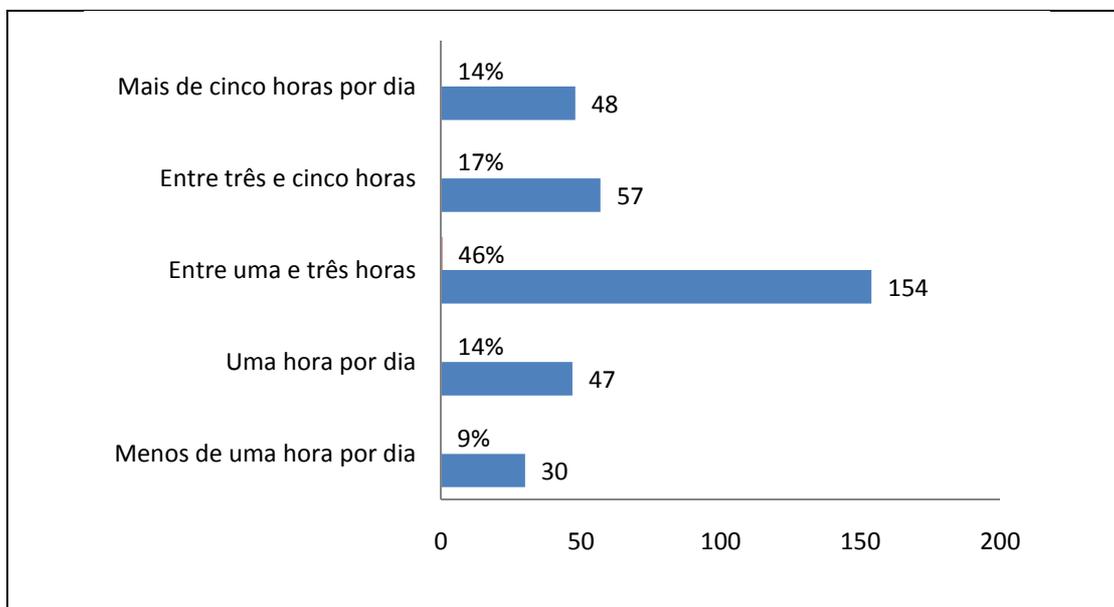


Gráfico 4 – Membros inquiridos do Clube de Leituras segundo a frequência de utilização da Internet

No que diz respeito ao tempo de permanência na Internet por dia, 46% dos utilizadores inquiridos afirmam ligar-se entre uma e três horas por dia (ver gráfico 4).

Seguem-se-lhes os utilizadores que se ligam entre três e cinco horas por dia com 17%. Com 14% observamos os utilizadores que estão ligados mais de cinco horas por dia e com o mesmo valor, os que se ligam uma hora por dia. 9% afirmam ligar-se menos de uma hora por dia. É de notar que estes tempos de ligação podem-nos indicar que estamos, sobretudo, perante utilizadores com cabo ou *ADSL*, cuja ligação não é paga ao tempo como nas conexões *dial-up*.

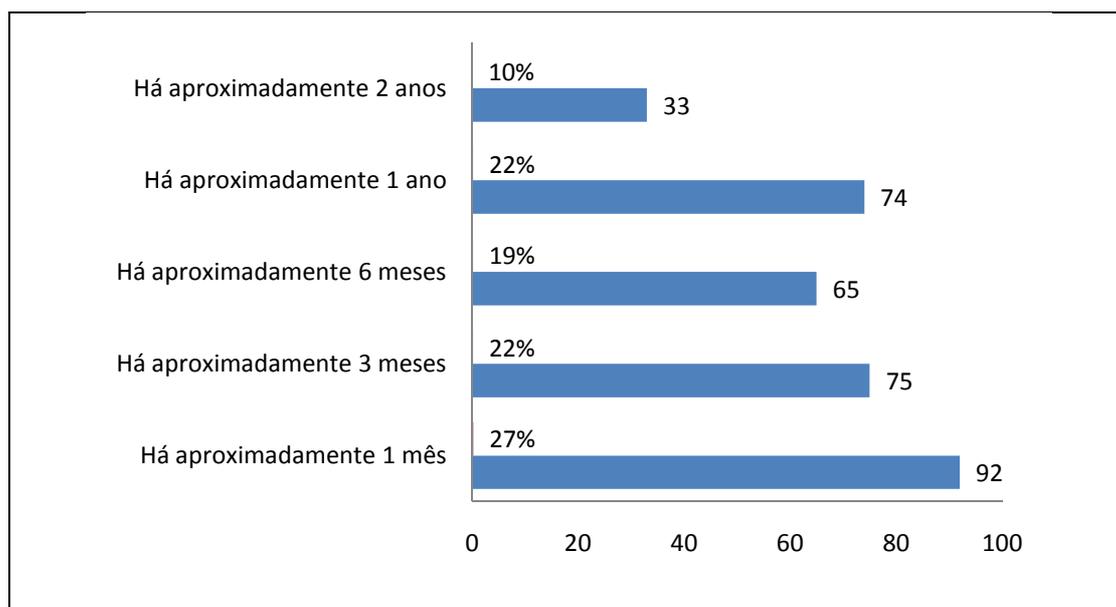


Gráfico 5 – Tempo de Utilização do Clube de Leituras por parte dos Membros Inquiridos

À pergunta “Quando começou a usar o Clube de Leituras?” verifica-se uma distribuição equitativa dos resultados. A percentagem com o maior número de inquiridos, 27%, referiu que frequenta o Clube de Leituras há aproximadamente 1 mês (ver gráfico 5). Com 22% temos os utilizadores que dizem que usam o sítio há mais de 3 meses e os que o utilizam há mais de um ano com a mesma percentagem. 19% afirmam frequentar o sítio há aproximadamente 6 meses e 10% há aproximadamente 2 anos.

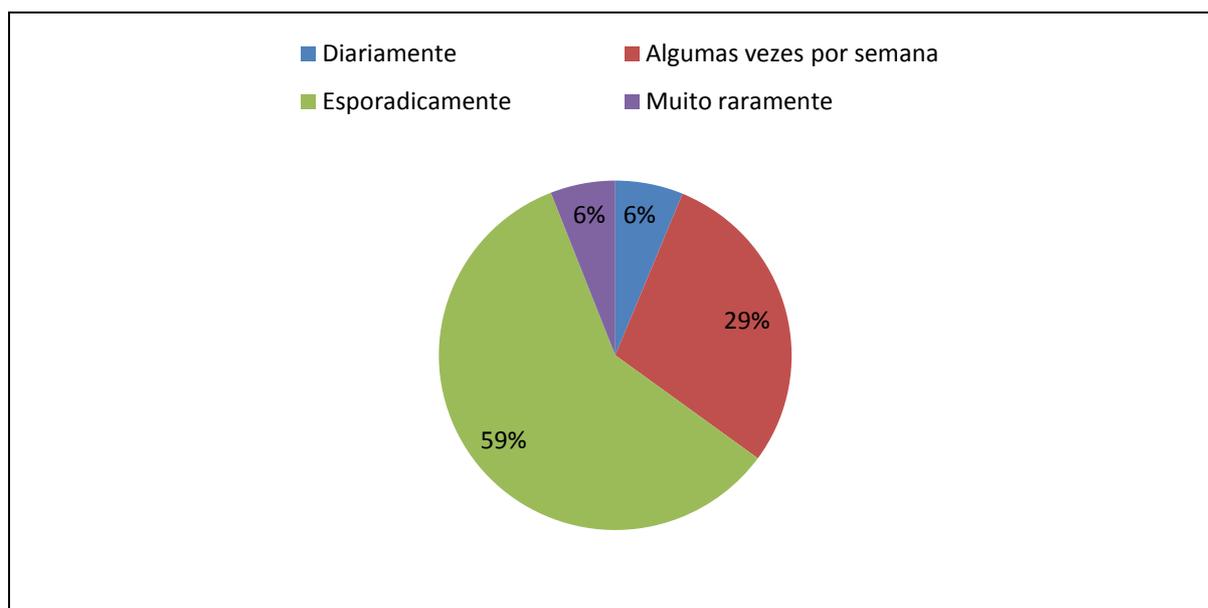


Gráfico 6 – Membros Inquiridos do Clube de Leituras segundo o Tempo de Utilização do Clube de Leituras

Em relação à frequência de tempo no Clube de Leituras, verificamos que a maioria, 59%, acede ao sítio esporadicamente. 29% fá-lo algumas vezes por semana, 6% diariamente e outros 6% muito raramente (ver gráfico 6).

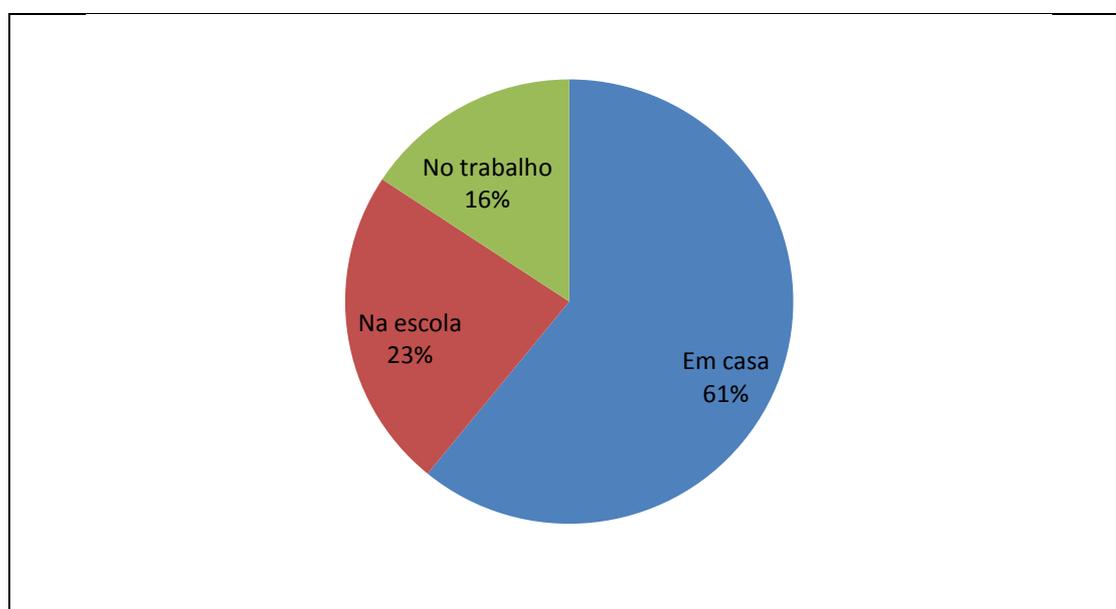


Gráfico 7 – Local onde os membros inquiridos utilizam o sítio Clube de Leituras

No que toca ao local onde os membros inquiridos utilizam o Clube de Leituras, 61% afirmam aceder ao sítio a partir de casa, 23% na escola e 16% no trabalho (ver gráfico 7). Deduz-se, por estes dados, que a maioria dos membros do Clube de Leituras utiliza o sítio, sobretudo, fora dos circuitos da aprendizagem formal.

4.4 Avaliação do Clube de Leituras por áreas temáticas

Perguntou-se aos membros inquiridos que funcionalidades usavam mais no Clube de Leituras. Esta pergunta serviu, em parte, para relacionar com as perguntas isoladas sobre o uso de cada funcionalidade. As primeiras escolhas recaíram sobre o uso de blogues (50%), Biblioteca de Livros Electrónicos (50%), as notícias (42%) e concursos (41%) (ver gráfico 8).

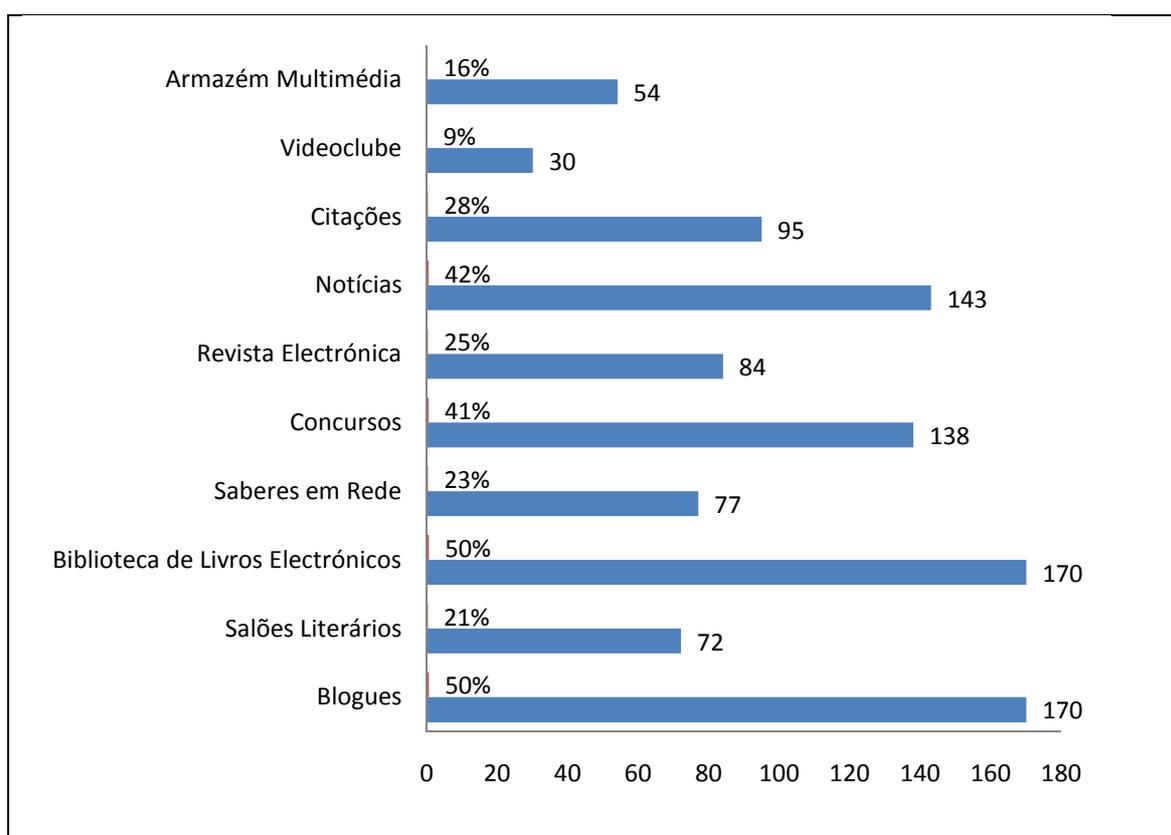


Gráfico 8 – Funcionalidades Usadas pelos Membros Inquiridos do Clube de Leituras

4.4.1 A blogosfera nos Salões Literários do Clube de Leituras

O uso de blogues permite ao indivíduo não ser apenas receptor, mas também produtor de informação transformando-o numa voz da opinião pública que vem questionar o universo tradicional dos *mass media* e fragmenta o espaço público tradicional em múltiplos *micro-media* (OberCom, 2008) .

Segundo dados do relatório do OBERCOM “Bloguers e Blogosfera” em Portugal apenas 20,1% da população portuguesa tem conhecimento da existência da blogosfera.

Já entre a população de internautas mais de metade, 55,1%, sabe o que é um blogue (OberCom, 2008).

23,6% Costuma navegar em blogues e 21,9% tem por hábito interagir através de comentários em blogues. Quanto aos utilizadores que mantêm um ou mais blogues, a percentagem situa-se nos 14,0% (OberCom, 2008).

O tema dos blogues versa, sobretudo, sobre entretenimento, 40,8%, vida pessoal de um círculo de pessoas restrito, 21,7%, cultura e comunicação, 12%, temas polémicos da actualidade noticiosa, 10,6% (OberCom, 2008).

No que se refere ao Clube de Leituras, existiam, até à data da recolha de dados, 637 blogues que alimentam a discussão dos salões literários. Os 10 blogues mais vistos são os apresentados no quadro 8.

Título do Blogue	Nº de Acessos
Todos os Sonhos de Abril-Ana Paula Motta	81675
OS MAGOS DE SANTA ANA	64625
Blogue de Natália Augusto	42574
Caleidoscópiosófico - Helena Costa	40417
O Romance de D. Pedro e D. Inês de Castro	20035
Blog Pessoal de Cátia Preguiça	18421
Letras com Chocolate	16226
A Hora das Palavras	15842
Morada do Visconde do Rio Branco	15587
As nossas Leituras	15160

Quadro 8 – Blogues mais acedidos no Clube de Leituras

Do universo inquirido de membros, 43% afirmou utilizar e manter um blogue no Clube de Leituras. Tal significa que os objectivos, inicialmente, propostos para o Clube de Leituras estão em vias de se cumprir: À promoção da leitura acrescenta-se a promoção pelo gosto de escrever, hábito que segundo a amostragem já é comum a 4 em cada 10 inscritos no sítio.

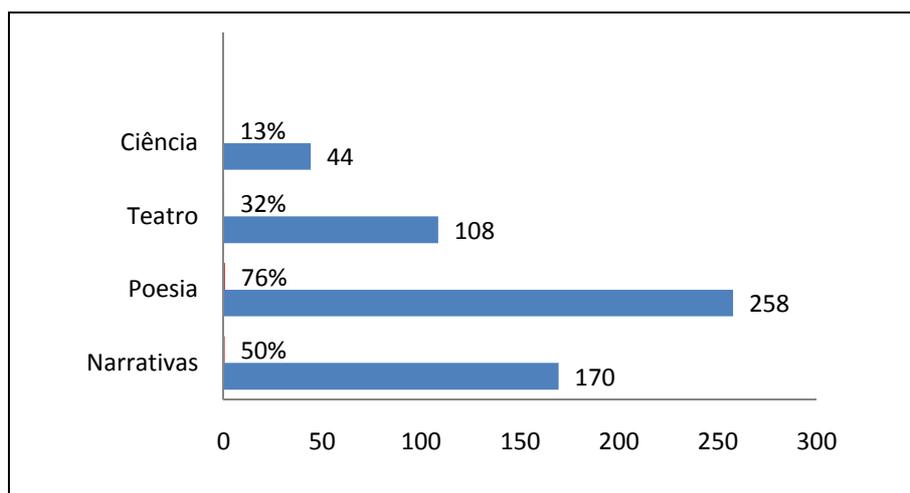


Gráfico 9 – Temática dos Blogues dos Membros Inquiridos do Clube de Leituras

No que se relaciona com a sua temática, os *posts* dos membros do Clube de Leituras têm que ser redireccionados para salões literários divididos pelas áreas de poesia, narrativas, teatro e ciência. À pergunta que se destinava a avaliar em que salão os membros publicavam mais os seus *posts*, o salão de poesia registou uma preferência com 76%, seguido do salão de narrativas (50%), salão de teatro (32%) e salão de ciência (13%) (ver gráfico 9).

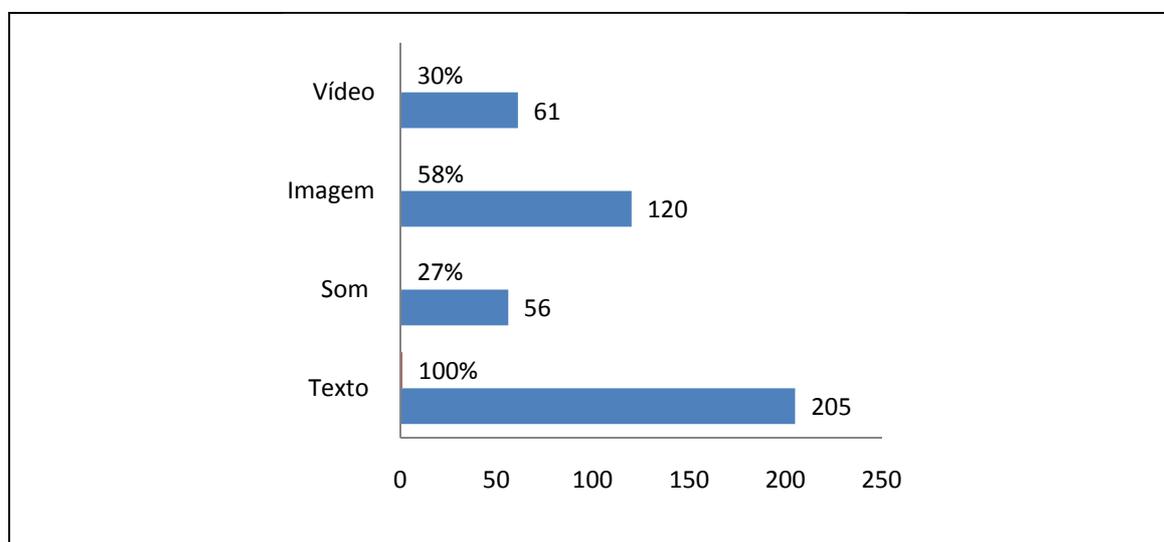


Gráfico 10 – Linguagem Multimédia usada pelos Membros Inquiridos do Clube de Leituras nos Blogues

Inquiriram-se, igualmente, os membros sobre a linguagem que utilizam quando redigem os *posts* para determinar se redigiam em escrita hipermédia. Verificou-se que o texto é a linguagem usada por todos, dada a obrigatoriedade de pelos menos se atribuir

um título ao *post*. Combinado com o texto, 58% afirmaram usar a imagem como complemento, 30% o vídeo e 27% o som (ver gráfico 10).

Um das funções de Web participativa mais usadas é o uso de comentários a conteúdos. Nos blogues, a redacção de comentários aos *posts* possibilita a interacção entre o que o autor escreveu e o que os leitores do blogue pensam sobre o conteúdo dos *posts* do blogue. Os comentários tornam o utilizador simultaneamente leitor e interveniente no blogue. Pode, igualmente, dar-se o caso de existir uma lista de comentários que gera uma discussão assíncrona entre os comentários dos utilizadores. A redacção de comentários coloca, assim, o leitor do blogue no papel de comentador, por vezes um crítico da escrita que acontece no blogue. O utilizador do blogue pode, por outro lado, adoptar uma atitude mais passiva e limitar-se a ler os comentários.

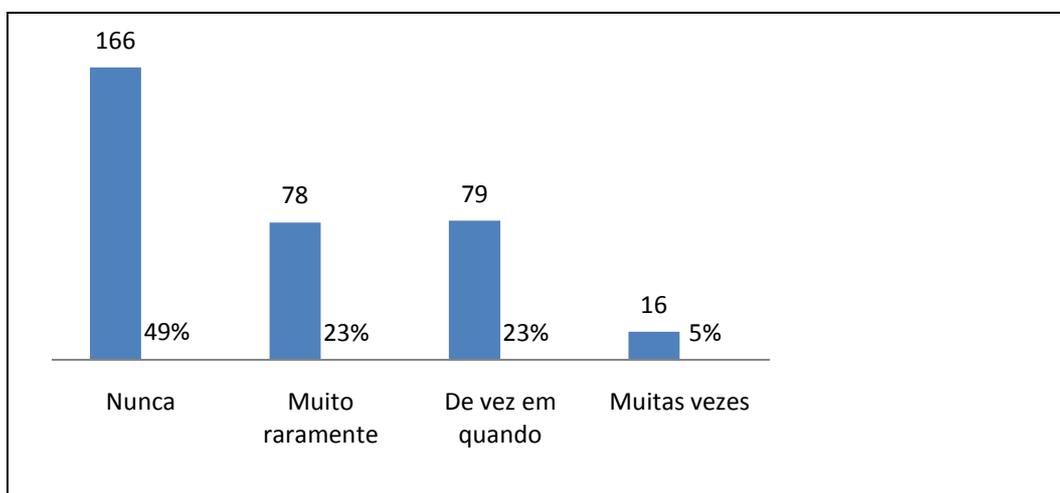


Gráfico 11 – Escrita de Comentários por parte dos Membros Inquiridos do Clube de Leituras

À pergunta se os inquiridos têm por hábito escrever comentários, 49% afirmaram nunca escrever comentários. 23% dizem que o fazem muito raramente e outros 23% dizem que o faz de vez em quando. Apenas 5% dizem que escrevem comentários muitas vezes (ver gráfico 11).

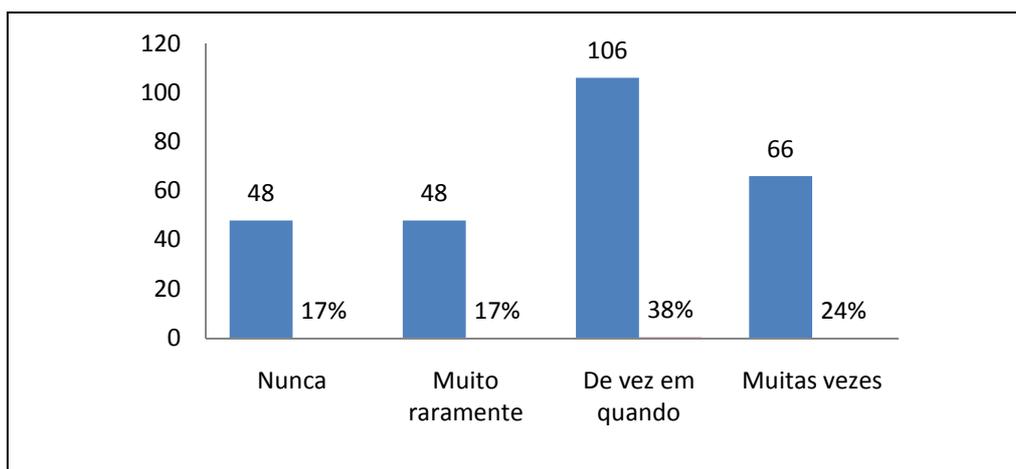


Gráfico 12 – Leitura de comentários por parte dos Membros Inquiridos do Clube de Leituras

No que toca à leitura de comentários, 38% afirmaram que os lê de vez em quando. 24% dizem que o faz muitas vezes, 17% muito raramente e outros 17% dizem nunca fazê-lo (ver gráfico 12).

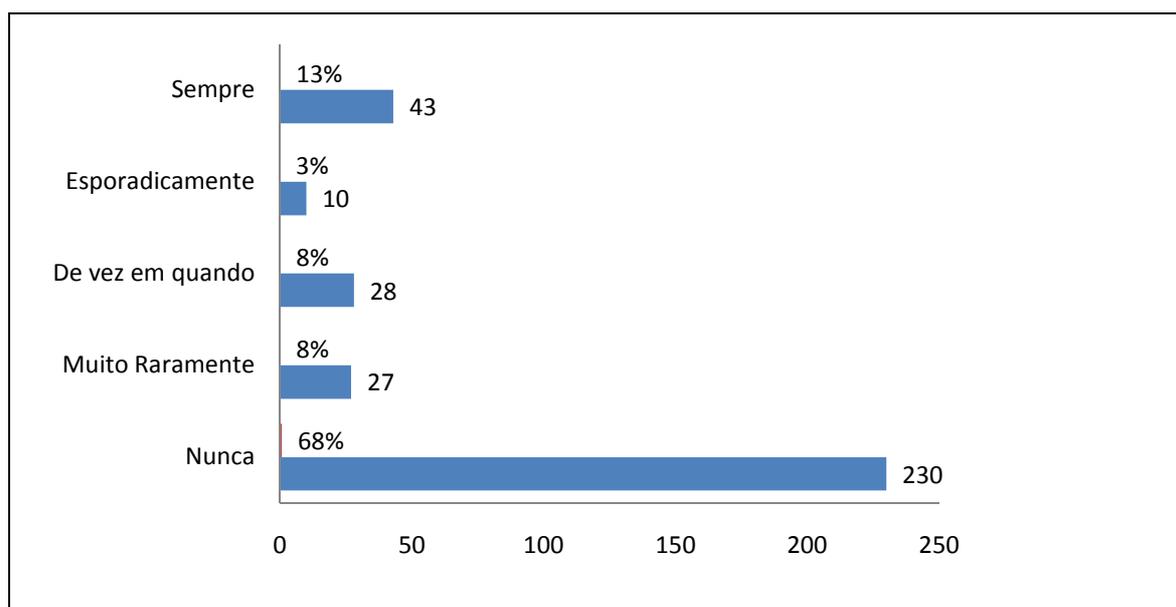


Gráfico 13 – Uso de Palavras-chave nos Blogues por parte dos Membros Inquiridos do Clube de Leituras

No que se refere ao uso de *tags* ou palavras-chaves, a maioria, 68%, afirmou nunca catalogar os conteúdos dos seus *posts* contra 13% que afirmaram que os descrevem sempre (ver gráfico 13). 8% dizem que o fazem muito raramente, outros 8% de vez em quando e 3% esporadicamente. Sobre o uso de *tags*, refira-se o estudo do *Pew Internet and American Life Project* onde se indica que pelo menos 28% dos norte-americanos que estão online já catalogaram conteúdos através de *tags* (Rainie, 2007). Quanto ao seu

perfil, os indivíduos que fazem usem de *tags* são sobretudo pessoas na casa abaixo dos 40, tanto homens como mulheres, que adopta precocemente novas tecnologias (Rainie, 2007).

4.4.2 Leitura e Envio de Citações

O espaço de Citações do Clube de Leituras visa apresentar um conjunto de frases célebres de personalidades da cultura nacional e internacional. Os utilizadores do Clube de Leituras podem, igualmente, enviar citações de autores da sua preferência que são revistas pela equipa de conteúdos do Clube de Leituras e, posteriormente, publicadas no sítio. Esta secção do sítio visa que os utilizadores evoquem frases de autores da sua preferência e as insiram no sítio.

No que toca à leitura de citações, 64% dos inquiridos membros afirmam que costumam ler as citações, contra 36% que afirmam que não o faz.

Já em relação ao envio de citações, apenas 5% dizem que enviaram citações para o sítio. Os números correspondem de resto às percentagens de citações recolhidas pela equipa de conteúdos do Clube de Leituras e das citações enviadas por utilizadores. Com efeito, verificamos que, do total das citações, 461, 83% foram recolhidas pela equipa de conteúdos e 17% das citações foram enviadas por utilizadores ou membros do Clube de Leituras.

4.4.3 Download e Envio de Livros Electrónicos

A secção de E-livros do Clube de Leituras é uma biblioteca digital de domínio público que propõe a partilha de *e-books* à disposição de todos os que frequentam o clube. É composta por livros electrónicos recolhidos em diversas fontes de informação tais como o *Project Gutenberg 2* ou o sítio *eBookCult 3*. Os utilizadores do Clube de Leituras podem, igualmente, enviar livros electrónicos que são ou não publicados pela equipa de conteúdos do Clube de Leituras.

À pergunta se os inquiridos têm por hábito descarregar livros electrónicos, 26% afirmaram que sim, contra 74% dos que afirmaram que não. Se observarmos o gráfico 8 da página 70, vemos, no entanto, que 50% consideram que utilizam a secção de E-livros, o que corresponde à funcionalidade mais usada a par dos blogues (50%).

2 Para saber mais sobre o Project Gutenberg consultar: <http://www.gutenberg.org>

3 Para saber sobre o projecto eBookCult consultar: <http://www.ebookcult.com.br>

No que se refere ao envio de livros electrónicos, esta funcionalidade regista uma participação fraca com apenas 3% dos inquiridos a afirmar que já enviou livros para a biblioteca. Este dado vai, de resto, ao encontro do número de livros enviados pelos utilizadores do Clube de Leituras, 14 (6%) contra os 238 livros (94%) recolhidos pela equipa de conteúdos.

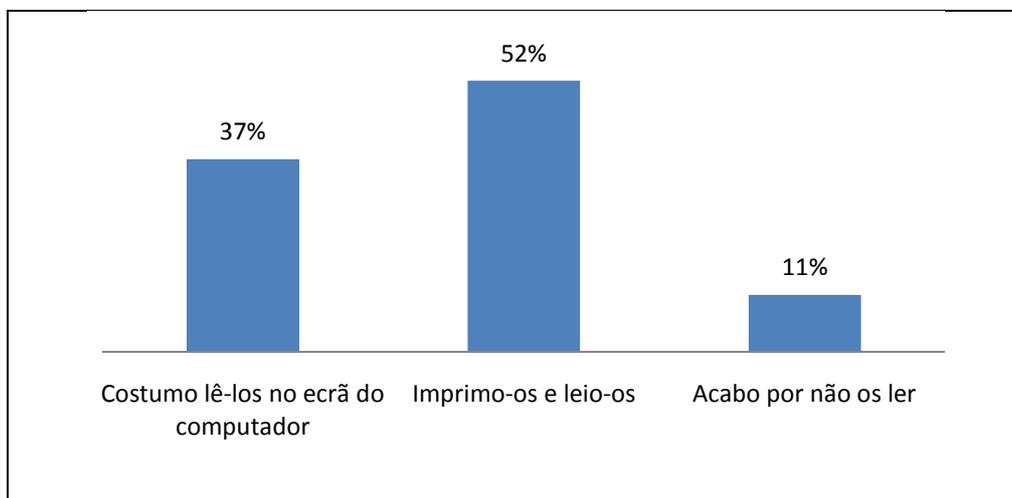


Gráfico 14 – Avaliação do uso de Livros Electrónicos por parte dos Membros Inquiridos do Clube de Leituras

Em relação ao uso que os inquiridos dão aos *e-books*, demonstra-se que a maioria, 52%, ainda prefere imprimir e ler em papel ao passo que 37% costumam lê-los no ecrã do computador (ver gráfico 14). 11% Dizem que acabam por não os ler. Estes dados podem indicar a falta de ergonomia e a relativa má qualidade do ecrã como suporte de leitura linear do livro tradicional, o que obriga a que se tenha que imprimir os livros electrónicos.

Desde que foi criada, a Biblioteca de E-Livros do Clube de Leituras registou um total de acessos de 222 043 de livros descarregados. Os livros mais descarregados pertencem à classificação de Literatura e Retórica e aparecem listados no quadro 9.

Título	Autor	Nº de Acessos
Así habló Zaratustra	Friedrich Nietzsche	12707
A Política	William Shakespeare	9072
Do contrato social	Jean-Jacques Rousseau	8503
A Interpretação dos Sonhos II	Sigmund Freud	7950
Memorial do convento	José Saramago	7590
Romeu e Julieta	William Shakespeare	7172
Arte poética	Aristóteles	7002
A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca	William Shakespeare	6172
A esfinge sem segredo	Oscar Wilde	6019

Quadro 9 – Livros Electrónicos mais Descarregados no Clube de Leituras

4.4.4 Participação em Concursos

Os Concursos são outra forma de participação que visa atribuir prémios aos membros do Clube de Leituras que elaborem trabalhos multimédia em formato de blogue. Possuem um regulamento próprio e um júri que designa os seus vencedores. Até agora decorreram dois concursos, um sobre a comemoração do centenário do nascimento de Bento Jesus Caraça e outro sobre Inês de Castro.

Do universo inquirido, 33% afirmaram que participaram em concursos. De salientar que este nível de participação se deverá em boa parte ao empenho que o Plano Nacional de Leitura coloca na promoção e divulgação dos referidos concursos, junto da população escolar.

4.4.5 Visualização de vídeos no Videoclube

O Videoclube pretende ser uma área de vídeo interactivo que inclui entrevistas, depoimentos, reportagens e outro tipo de vídeos sobre cultura nacional e internacional. No que se refere à visualização de vídeos, 48% dos membros inquiridos afirmam ver muito raramente os vídeos do Clube de Leituras (ver gráfico 15) e 39% optam por nunca fazê-lo. Apenas 11% dizem ver vídeos pelo menos uma vez por semana. E 3% dizem ver muitas vezes vídeos. É interessante salientar que a escassa percentagem de membros que afirma ver vídeos confirma a convicção da equipa do Clube de Leituras de que o sítio não deverá aprofundar o mundo da videografia.

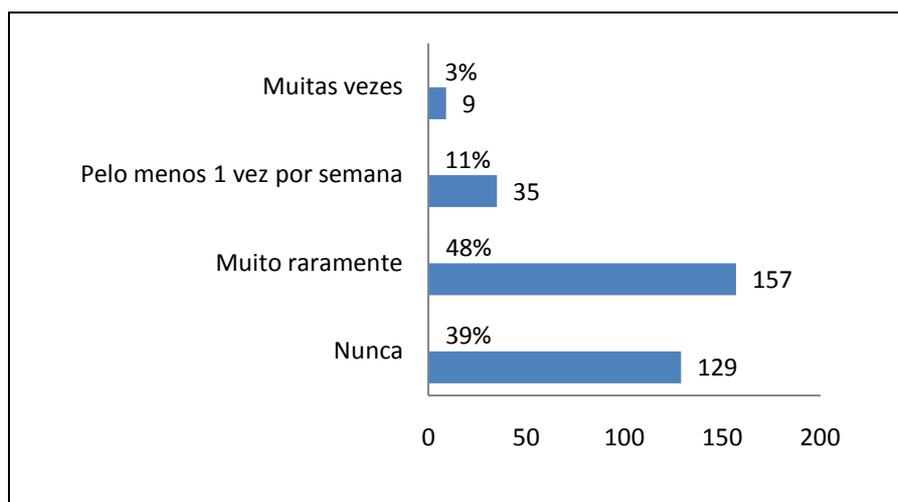


Gráfico 15 – Avaliação da visualização de vídeos por parte dos Membros Inquiridos do Clube de Leituras

4.4.6 Leitura de Notícias no Clube de Leituras

A secção de notícias do Clube de Leituras é um espaço de informação que inclui notícias sobre poesia, narrativas, teatro e ciência recolhidos em várias fontes de informação dos meios de comunicação social e que divulga eventos ocorridos no Clube de Leituras.

Em relação à leitura de notícias, 46% dos membros inquiridos afirmam fazê-lo muito raramente (ver gráfico 16). Seguem-se os membros que dizem que o fazem pelos menos uma vez por semana com 23%. Os que nunca o fazem, 16%, e os que lêem muitas vezes, 14%.

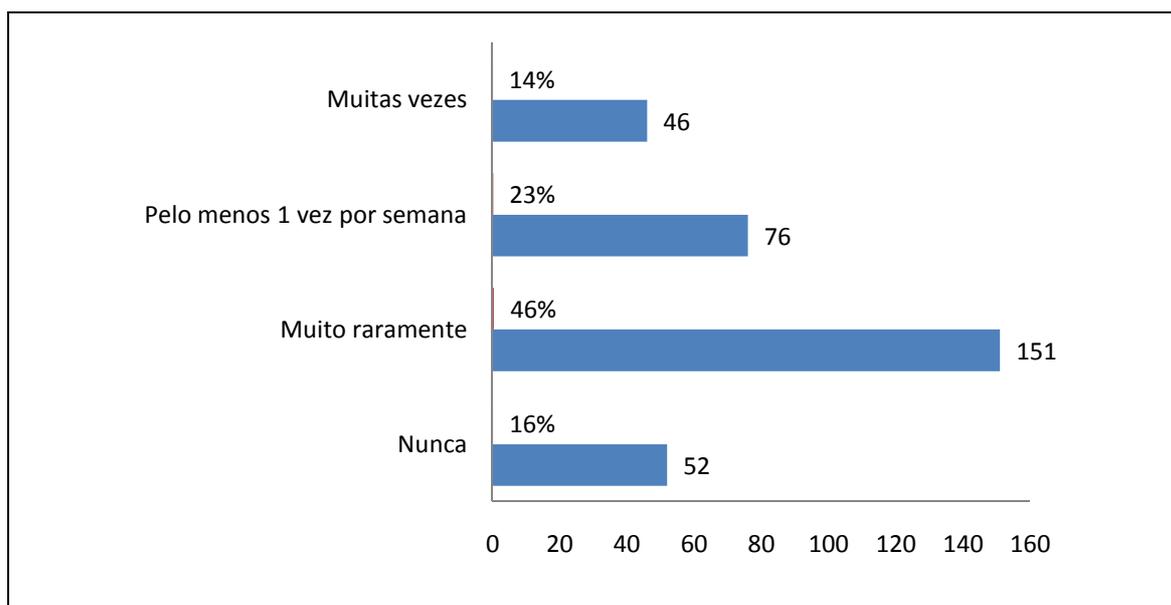


Gráfico 16 – Avaliação da leitura de notícias por parte dos Membros Inquiridos do Clube de Leituras

4.4.7 Público-alvo do Clube de Leituras

Sobre a questão a que público se destina o Clube de Leituras, observa-se uma distribuição equitativa das percentagens de dados. 32% Consideram que se destina a alunos, 28% a professores, 20% a bibliotecários e 20% a outros públicos (ver gráfico 17). Estes dados expressam, em parte, a demografia dos membros inquiridos do Clube de Leituras que é composta tanto por jovens como por adultos.



Gráfico 17 – Públicos-alvo do Clube de Leituras segundo os Membros Inquiridos do Clube de Leituras

Capítulo VI - Conclusões

Ao formular as questões fundamentais que estão na base do início da construção do sítio Clube de Leituras, perguntava-se no Capítulo I da Introdução: poderá um utilizador ser apenas leitor ou ser simultaneamente leitor e participar nos conteúdos do sítio? A esta pergunta uma outra se acrescentou: Será o hipertexto suficientemente rico para se desenvolver a plataforma, numa altura em que ferramentas de edição de *HTML* de texto, som, imagem como os blogues permitem uma linguagem hipermédia?”

Estas questões formuladas no preâmbulo do trabalho foram sendo respondidas, quer ao nível da revisão da literatura, quer ao nível do estudo de caso e da sua avaliação. Com efeito, demonstrou-se a hipótese, inicialmente formulada, de que o Clube de Leituras é um sítio de Web participativa que promove a literacia digital e aprendizagem informal. O que no final do trabalho se configura como evidência, ou seja, como facto que parece não precisar de demonstração é afinal a própria razão do processo de trabalho baseado sobre os princípios da investigação. Aliás, esta metodologia respeita o método indutivo que, através de uma triangulação de técnicas, veio confirmar a validade da hipótese inicialmente formulada. É, neste sentido, da confrontação entre as formulações teóricas e da análise dos resultados obtidos no decorrer do trabalho de terreno que se demonstra a verdade científica daquilo que até então era apenas intuição.

A emergência de ferramentas interactivas com as quais o utilizador pode, em simultâneo, ser consumidor e produtor de informação veio configurar o estabelecimento de um novo paradigma de comunicação. É privilégio dos utilizadores da Web participativa consumirem a informação que lhes é oferecida, comentá-la e sobre ela produzirem todo um conjunto de textos combinados, ou não, com imagens, sons e vídeo que mais não são que o pretexto para afirmar um Eu, enquanto personalidade de pleno direito da sociedade em rede. Este modelo de comunicação *self-media* é, absolutamente, inovador ao retirar o cidadão do anonimato a que estava remetido para apenas depender de si mesmo, do seu talento e das capacidades que as suas mensagens possuem de agregar um dado número de seguidores. Esta é uma das forças motrizes das redes sociais que se configuram na chamada Web participativa. Embora alguns mediadores sintam a sua posição em perigo e talvez por isso mesmo se desdobrem em ataques, advogando a existência de um culto do amador, certo é que neste contexto a literacia digital cresce exponencialmente, mesmo quando se manifesta através de formas novas e

por vezes inesperadas como são as mensagens instantâneas dos *chats*, *posts* de blogues ou artigos da *Wikipedia*. Nunca se leu, nunca se escreveu tanto como agora. Poderão as posições mais ortodoxas considerar que já não se lê, nem se escreve como antigamente. Como se demonstrou na revisão de literatura, a leitura linear está a ser complementada com um novo tipo de leitura: a hipertextual e hipermediática onde o utilizador tem a possibilidade de determinar os rumos da sua navegação interactiva. Neste contexto, a leitura ganha em amplitude com o modelo de literacia digital, o que pode perder em profundidade. Quer-se com isto dizer que a possibilidade de saltar de texto em texto, de texto para imagem, de imagem para som, num *melting pot* multimédia indiferenciado pode prejudicar a concentração que só a leitura linear sobre suporte tradicional privilegia. Esta lacuna do modelo de comunicação bidireccional é verdadeira, todavia ela não anula as vantagens de um paradigma em que os significados são potenciados por textos, sons, imagens e vídeos a funcionarem numa mesma linha síncrona. Neste, como noutros campos de investigação, se demonstra que vantagens e inconvenientes coexistem sempre nas novidades, seja a nível dos conceitos, quer a nível das ferramentas que os operacionalizam. A este respeito, é oportuno recordar que a ergonomia dos objectos tecnológicos que promovem a literacia digital também deixam ainda muito a desejar, desde logo porque estão longe de se aproximar do dispositivo de leitura mais eficaz que a humanidade inventou: a folha de papel. A análise dos resultados demonstra, de resto, a necessidade dos utilizadores do Clube de Leituras imprimirem os livros electrónicos para o papel, o que nos sugere que a ergonomia do ecrã do monitor nem sempre é facilitadora da leitura de textos muito extensos.

Da Web participativa foi feita uma análise circunstanciada quer ao nível da revisão de literatura, quer ao nível do estudo de caso. O crescimento exponencial de participantes em actividades da Web participativa, tão diversas como são todas as áreas intelectuais que o ser humano desenvolve, demonstram que o mundo digital é cada vez mais uma extensão natural do que ocorre no mundo real. Ao centrar o corpo do presente trabalho sobre o Clube de Leituras, teve-se a noção de estar a isolar um objecto que só faz sentido quando integrado num todo maior, em que os seus leitores/produtores de informação usam outras ferramentas, igualmente, importantes como por exemplo redes sociais como o *Facebook* ou o *My Space*. A importância sociológica destes dois exemplos, não retira razão de ser ao Clube, dada a especificidade e segmentação que constituem a sua singularidade. Agregar o conceito de Clube à literatura e a outras artes,

reunindo interessados em comunidades de partilha de gostos e de práticas de escrita é uma particularidade que, por si só, demonstra a razão de ser do projecto. Aliás, os resultados obtidos demonstram a afirmação feita, podendo constatar-se que o Clube de Leituras fomenta a escrita em hipermédia através da sua plataforma de blogues. A necessidade dos conteúdos serem publicados num ambiente online como num blogue através do esforço criativo e personalizado por parte do autor são condicionantes que enquadram o estudo de caso no modelo de Web participativa. Identificamos, igualmente, elementos deste modelo em inovações como a *folksonomy*, que exigem aos utilizadores do Clube de Leituras uma nova forma de catalogação e pesquisa. A subscrição de RSS constitui outro elemento da Web participativa presente no Clube de Leituras que permite aos utilizadores estarem a par das actualizações do sítio sem recorrerem aos navegadores. Já nas secções de citações e livros electrónicos do sítio verificou-se uma menor participação dos membros na alimentação de conteúdos.

Uma última reflexão sobre as dinâmicas de aprendizagem, eventualmente, geradas em torno do Clube de Leituras: nunca foi preocupação primeira associar o Clube a qualquer organismo ou instituição escolar. Isto significa que o Clube e os seus membros frequentam escolas – na qualidade de alunos ou professores – mas o Clube não é um vínculo que os identifica como membros da comunidade escolar. Desde o início se recusou essa ideia que poderia ser prejudicial para a angariação de membros, sabido como é que os adolescentes, na sua maioria, não sentem particular atracção por actividades promovidas no seio ou na esfera das escolas a que pertencem. Todavia, é evidente que as artes são uma componente presente em diversas áreas do percurso curricular do ensino formal e nunca se recusou o eventualmente estabelecimento de pontes, por exemplo, através da promoção de concurso no seio das escolas. Decidiu-se, contudo, não ir mais longe nessa aproximação. O Clube é um espaço de expressão livre de qualquer forma de avaliação, excepto aquela que é consentida entre os membros através de eventuais comentários feitos nos *posts* dos blogues. O Clube é um espaço de partilha de experiência de escritas e de leituras que ocorre fora dos circuitos da aprendizagem formal. Finalmente, o Clube é um agregado voluntário e espontâneo de vontades interessadas em partilhar saberes e conhecimentos expressos de modo totalmente informal.

Conclui-se, portanto, estar no essencial correcta a hipótese inicialmente formulada de ser viável e socialmente bem aceite a criação de uma comunidade de práticas sobre

leituras e escritas, em contexto de Web participativa, capaz de agregar um número de interessados que, no momento em que estas linhas de conclusão estão a ser redigidas, ainda não parou de crescer.

Estimulado pelo sucesso construído, o grupo de investigação em que o aluno se integra decidiu aceitar duas novas propostas provenientes da direcção do Plano Nacional de Leitura: a criação de uma Biblioteca de Livros Digitais e um sistema de iniciação à leitura para crianças entre os cinco e os nove anos de idade, intitulado Caminho das Letras. Já não cabe, no entanto no âmbito deste trabalho, fazer um processo de reflexão teórica sobre estas duas últimas iniciativas. Citam-se, neste contexto, apenas para significar que o aluno continua motivado para realizar trabalhos de I&D no seio do centro de investigação de que faz parte.

Sabe-se que a investigação que este trabalho exemplifica é um processo que só agora começou. O Clube de Leituras foi o pretexto para experimentar medidas novas e ferramentas da área de investigação ainda pouco experimentadas pelo aluno. Todavia, este é um processo continuado que se desdobra em duas perspectivas: individual e colectiva.

Na perspectiva individual, existe a consciência que se poderia ter ido mais longe, nomeadamente utilizando métodos de investigação qualitativa, tais como a entrevista. Também existe a noção de que a amostra trabalhada poderia ser mais representativa do universo estudado.

Finalmente, na perspectiva colectiva, como membro de uma equipa de investigação especializada neste campo, já foram desenhados para os próximos anos linhas de investigação que vão abrir, tanto a nível pessoal como da equipa, novos projectos I&D susceptíveis de ilustrarem novos trabalhos académicos.

Referências

Alkali, Y. E., & Amichai-Hamburger, Y. (1 de Agosto de 2004). Experiments in Digital Literacy. *CyberPsychology & Behavior*, pp. 421-429.

ANACOM. (20 de Maio de 2008). *OCDE divulga estatísticas da banda larga - ANACOM*. Obtido em 6 de Setembro de 2009, de ANACOM - Autoridade Nacional de Comunicações - ANACOM: <http://www.anacom.pt/render.jsp?contentId=584461>

Bawden, D. (2001). *Information and digital literacies: a review of concepts*. Obtido em 3 de Setembro de 2009, de DLIST - Digital Library of Information Science and Technology: <http://dlist.sir.arizona.edu/895/01/bawden.pdf>

Borderie, X. (9 de Junho de 2006). *Le Web Sémantique: un interview avec Ivan Herman*. Obtido em 15 de Fevereiro de 2009, de Journal du Net: <http://www.journaldunet.com/imprimer/developpeur/itws/060608-itw-w3c-herman.shtml>

Calixto, J. A. (2003). Literacia da informação: um desafio para as bibliotecas. In *Homenagem ao Professor Doutor José Marques* (pp. 39-48). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Cardoso, G. (1998). *Para Uma Sociologia do Ciberespaço: Comunidades Virtuais em Português*. Oeiras: Celta Editora.

Castells, M. (2001). *A Galáxia Internet, Reflexões sobre a Internet, Negócios e Sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CEDEFOP. (2009). *Cedefop - European Centre for the Development of Vocational Training / Home*. Obtido em 8 de Setembro de 2009, de Terminology of European education and training policy: http://www.cedefop.europa.eu/etv/Upload/Information_resources/Bookshop/369/4064_en.pdf

Comissão das Comunidades Europeias. (30 de Outubro de 2000). *Memorando sobre Aprendizagem ao Longo da Vida. SEC (2000) 1832*. Obtido em 9 de Janeiro de 2009, de Aprendizagem ao longo da vida: <http://www.alv.gov.pt/dl/memopt.pdf>

Comissão Europeia. (29 de Fevereiro de 2008). *Electronic skills for the 21st century: fostering competitiveness, growth and jobs*. Obtido em 17 de Agosto de 2009, de Europa - The European Union On-Line:

http://europa.eu/legislation_summaries/employment_and_social_policy/growth_and_jobs/124293_en.htm

Delors, J. (1996). *Learning: the treasure within*. Obtido em 11 de Setembro de 2009, de UNESCO Documents and Publications:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590eo.pdf>

D'Souza, Q. (2005). *RSS-for-Educators.pdf*. Obtido em 3 de Outubro de 2009, de Teaching Hacks.com: <http://www.teachinghacks.com/wp-content/uploads/2006/01/RSS%20Ideas%20for%20Educators111.pdf>

Dumbill, E. (1 de Junho de 2002). *XML Watch: Finding friends with XML and RDF*. Obtido em 12 de Maio de 2009, de IBM - United States:

<http://www.ibm.com/developerworks/xml/library/x-foaf.html>

Friedman, P. K. (2004). Folksonomy. *Anthropology News*, Vol. 46.

Gilster, P. (1997). *Digital Literacy*. New York: Wiley.

Godwin-Jones, R. (Maio de 2003). Emerging Technologies - Blogs and Wikis: Environments for On-line Collaboration. *Language Learning & Technology*, Vol. 7, pp. 12-16.

Graham, C., & Balachander, K. (1 de Junho de 2008). *Key differences between Web 1.0 and Web 2.0*. Obtido em 19 de Dezembro de 2008, de First Monday - Peer Reviewed-Journal On The Internet.

Griswold W., M. T. (2005). Reading and the Reading Class in the Twenty-First Century. *Annual Review of Sociology*.

Jenkins, H. (2006). *Confronting the Challenges of Participatory Culture: Media Education for the 21st Century*. Obtido em 15 de Setembro de 2009, de Projecto New Media Literacies:

<http://www.newmedialiteracies.org/files/working/NMLWhitePaper.pdf>

Jokisalo, E., & Antoni, R. (9 de Junho de 2009). *Informal learning in the era of Web 2.0*. Obtido em 8 de Setembro de 2009, de elearningeuropa.info:

<http://www.elearningeuropa.info/files/media/media19656.pdf>

Keen, A. (15 de Fevereiro de 2006). *Web 2.0 - The second generation of the Internet has arrived. It's worse than you think*. Obtido em 8 de Junho de 2009, de The Weekly Standard:

<http://www.weeklystandard.com/Content/Public/Articles/000/000/006/714fjczq.asp>

Kelly, K. (22 de 05 de 2009). *The New Socialism: Global Collectivist Society Is Coming Online*. Obtido em 3 de Junho de 2009, de Wired News: http://www.wired.com/culture/culturereviews/magazine/17-06/nep_newsocialism?currentPage=all

Lee, T. B. (1 de Setembro de 2006). *Tim Berners-Lee on Web 2.0: "nobody even knows what it means"*. Obtido em 2 de Novembro de 2008 , de Ars Technica: <http://arstechnica.com/business/news/2006/09/7650.ars>

Leu, D. J. (Março de 2007). *The New Literacies of Online Reading Comprehension: Preparing ALL Students for Their Reading Future*. Obtido em 3 de Setembro de 2009, de The New Literacies Research Team at UConn: http://www.newliteracies.uconn.edu/event_files/Leu_talk_-_The_New_Literacies_of_Online_Reading.ppt

Livingstone, D. (2002). *Mapping the Iceberg*. Obtido em 7 de Setembro de 2009, de NALL - New Approaches to Lifelong Learning: <http://www.oise.utoronto.ca/depts/sese/csew/nall/res/54DavidLivingstone.pdf>

Martin, A. (2005). *DigEuLit – a European Framework for Digital Literacy: a Progress Report*. Obtido em 16 de Agosto de 2009, de International Journal of eLiteracy: http://www.jelit.org/65/01/JeLit_Paper_31.pdf

Moreira, C. D. (1994). *Planeamento e Estratégias da Investigação Social*. Lisboa: ISCSP, UTL .

Motoko, R. (27 de Julho de 2008). Literacy Debate: Online, R U Really Reading? *New York Times* , 4.

OberCom. (Março de 2008). *Bloguers e Blogosfera .pt*. Obtido em 10 de Junho de 2009, de OberCom: <http://www.obercom.pt/client/?newsId=373&fileName=fr5.pdf>

OCDE. (12 de Abril de 2007). *Participative Web: User-Created Content - WEB 2.0, WIKIS and Social Networking*. Obtido em 16 de Junho de 2009, de Organisation for Economic Co-operation and Development: <http://213.253.134.43/oecd/pdfs/browseit/9307031E.PDF>

O'Reilly, T. (30 de Setembro de 2005). *O'Reilly -- What Is Web 2.0*. Obtido em 7 de Novembro de 2008, de O'Reilly: <http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html>

Overwien, B. (2005). *Informal Learning and the Role of Social Movements*. In *Meeting Basic Learning Needs in the Informal Sector* (pp. 43-59). Netherlands: Springer.

Paradise, A. (2008). *Informal Learning: Overlooked or Overhyped?* Obtido em 14 de Setembro de 2009, de ASTD - American Society for Training & Development: <http://www.astd.org/NR/rdonlyres/6FE0A856-D368-404C-A54B-E311A05F0157/17371/76080752.pdf>

Patton, M. Q. (1990). *Qualitative Evaluation and Research Methods*. London: Sage.

Plano Nacional de Leitura. (26 de Junho de 2007). *Sobre o Clube de Leituras*. Obtido em 4 de Fevereiro de 2008, de Clube de Leituras: <http://www.clube-de-leituras.pt/index.php?s=sobre>

Prensky, M. (2001). *Digital Natives, Digital Immigrants*. Obtido em 3 de Setembro de 2009, de Marc Prensky.com: <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manuel de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Rainie, L. (31 de Janeiro de 2007). *28% of Online Americans Have Used the Internet to Tag Content*. Obtido em 22 de Setembro de 2009, de Pew Internet & American Life Project: http://www.pewinternet.org/~media/Files/Reports/2007/PIP_Tagging.pdf.pdf

Scholz, T. (3 de Março de 2008). *Market Ideology and the Myths of Web 2.0*. Obtido em 13 de Junho de 2009, de First Monday - Peer-Reviewed Journal On The Internet: <http://firstmonday.org/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/fm/article/view/2138/1945>

Schugurensky. (2000). *The Forms of Informal Learning: Towards a Conceptualization of the Field*. Obtido em 7 de Setembro de 2009, de University of Toronto - Research Repository: <https://tspace.library.utoronto.ca/bitstream/1807/2733/2/19formsofinformal.pdf>

Sobre o Clube de Leituras. (s.d.). Obtido em 13 de Setembro de 2008, de Clube de Leituras: <http://www.clube-de-leituras.pt/index.php?s=sobre>

Steyaert, J. (2000). *Digital Skills, literacy in the information society*. Obtido em 25 de Agosto de 2009, de Jan Steyaert homepage: <http://www.steyaert.org/jan/publicaties/2000,digitalskills.pdf>

Subarna, D. (Fevereiro de 2007). *Role of semantic web in the changing context of digital environment*. Obtido em 6 de Maio de 2009, de

https://drtc.isibang.ac.in/bitstream/handle/1849/397/p86_subarna-das.pdf?sequence=1

Vander Wal, T. (2 de Fevereiro de 2007). *Folksonomy :: vanderwal.net*. Obtido de vanderwal.net: <http://www.vanderwal.net/folksonomy.html>

Wikipedia - The Free Encyclopedia. (18 de Setembro de 2008). *Wikinomics*. Obtido de Wikipedia - The Free Encyclopedia: <http://en.wikipedia.org/wiki/Wikinomics>

Wikipédia, A enciclopédia livre. (5 de Setembro de 2008). *Domínio público - Wikipédia, a enciclopédia livre*. Obtido em 24 de Outubro de 2008, de Wikipédia, A enciclopédia livre: http://pt.wikipedia.org/wiki/Dom%C3%ADnio_p%C3%ABlico

XVII Governo Constitucional. (17 de Julho de 2006). *Plano Nacional de Leitura - Resolução do Conselho de Ministros n.º 86/2006*. Obtido em 25 de Outubro de 2009, de Portal do Governo:

http://www.portugal.gov.pt/Portal/PT/Governos/Governos_Constitucionais/GC17/Ministerios/ME/Comunicacao/Outros_Documentos/20060601_ME_Doc_PNLeitura.htm

Anexos

Questionário sobre o Sítio Clube de Leituras

Enquanto membro do sítio Clube de Leituras, gostaríamos que colaborasse connosco respondendo às perguntas deste questionário online que se realiza no âmbito de um projecto de investigação. A sua resposta tem garantia de confidencialidade. Agradecemos desde já a sua colaboração.

* Required

Sexo

- Masculino
- Feminino

Idade

Ocupação:

- Dirigentes e quadros superiores de empresas
- Especialidades das profissões intelectuais e científicas
- Técnicos e profissionais de nível intermédio
- Pessoal administrativo e similares
- Pessoal dos serviços e vendedores
- Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pesca
- Operários, artífices e trabalhadores similares
- Operários de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem
- Pessoal das forças armadas
- Pessoal das forças policiais
- Trabalhadores não-qualificados
- Reformado
- Doméstica(o)
- Estudante

Há quanto tempo utiliza a Internet ?

- Há menos de 6 meses ?
- Entre 6 meses e 1 ano ?
- Há mais de 1 ano ?

Quando utiliza a Internet, normalmente, fica:

- Menos de uma hora por dia
- Uma hora por dia
- Entre uma e três horas
- Entre três e cinco horas
- Mais de cinco horas por dia

Já ouviu falar do Plano Nacional de Leitura?

- Sim
- Não

Quando começou a usar o Clube de Leituras?

- Há aproximadamente 1 mês
- Há aproximadamente 3 meses
- Há aproximadamente 6 meses
- Há aproximadamente 1 ano
- Há aproximadamente 2 anos

Qual a frequência com que usa o Clube de Leituras?

- Diariamente
- Algumas vezes por semana

- Esporadicamente
- Nunca

A partir de que local costuma aceder ao sítio Clube de Leituras?

- Em casa
- Na escola
- No trabalho

Na sua opinião, a quem se dirige o Clube de Leituras?

- Alunos
- Professores
- Bibliotecários
- Outros públicos

Por favor, indique que funcionalidades costuma usar no sítio Clube:

- Blogues
- Salões Literários
- Biblioteca de Livros Electrónicos
- Saberes em Rede
- Concursos
- Revista Electrónica
- Notícias
- Citações
- Videoclube
- Armazém Multimédia

Utiliza o blogue do Clube de Leituras?

- Sim
- Não

Em que salões literários costuma publicar os seus *posts*?

- Salão de Poesia
- Salão de Narrativas
- Salão de Teatro
- Salão de Ciência

Quando escreve no seu blogue, utiliza:

- Texto
- Som
- Imagem
- Vídeo

Atribui palavras-chave aos posts do seu Blogue?

- Nunca
- Muito raramente
- De vez em quando
- Esporadicamente
- Sempre

Lê os comentários dos posts dos Blogues?

- Nunca
- Muito raramente

- De vez em quando
- Muitas vezes

Escreve comentários nos posts de outros blogues?

- Nunca
- Muito raramente
- De vez em quando
- Muitas vezes

Descreve os sons, vídeos e imagens do seu armazém multimédia por via de palavras-chave?

- Nunca
- Muito raramente
- De vez em quando
- Muitas vezes
- Sempre

Já descarregou livros electrónicos da secção E-livros do sítio Clube de Leituras?

- Sim
- Não

Já enviou livros electrónicos para a secção E-livros do sítio Clube de Leituras?

- Sim
- Não

Que uso dá aos E-livros que descarrega do Clube de Leituras?

- Costumo lê-los no ecrã do computador
- Imprimo-os e leio-os
- Acabo por não os ler

Lê as citações da secção citações do sítio Clube de Leituras?

- Sim
- Não

Já enviou citações para a secção de citações do sítio Clube de Leituras?

- Sim
- Não

Participa nos concursos do Clube de Leituras?

- Sim
- Não

Tem por hábito ler as notícias da secção de notícias do Clube de Leituras?

- Nunca
- Muito raramente
- Pelo menos 1 vez por semana
- Muitas vezes

Tem por hábito ver os vídeos da secção Videoclube do Clube de Leituras?

- Nunca
- Muito raramente
- Pelo menos 1 vez por semana

-  Muitas vezes

Enviar

Powered by [Google Docs](#) [Report Abuse](#) - [Terms of Service](#) - [Additional Terms](#)